thomas de quincey

do ASSASSÍNIO como uma das BELAS ARTES

3

THOMAS DE QUINCEY

do ASSASSÍNIO como uma das BELAS ARTES

3.ª edição

EDITORIAL ESTAMPA

Título do original
ON MURDER CONSIDERED AS ONE
OF THE FINE ARTS

Tradução
João da Fonseca Amaral

Capa de
Alda Rosa

Ao editor do «Blackwood's Magazine»

Prezado senhor. — Já todos ouvimos falar numa sociedade para a Promoção do Vício, no Clube do Fogo do Inferno, etc. Foi em Brighton, penso eu, que se constituiu uma Sociedade para a Supressão da Virtude, grémio esse que se viu, por sua vez, suprimido — mas lamento ter de assinalar a existência, em Londres, de um outro de características ainda mais atrozes. Pelas suas tendências, pode muito bem chamar-se Sociedade para o Incitamento ao Assassínio, embora, de acordo com o seu delicado «eufemismo», se denomine Sociedade dos Peritos em Matéria de Homicídios. Afirmam-se curiosos de quanto respeita ao assassínio; aficionados e diletantes quanto aos vários modos de fazer correr sangue; em resumo, Amadores do Assassínio. Dedicam-se a criticar as últimas atrocidades, reveladas pelos anais da Polícia europeia, como se se tratasse de um quadro, uma escultura, ou outra qualquer obra de arte. Não preciso, porém, de me dar ao trabalho de descrever o estilo da sua actividade, dado que isso melhor se poderá verificar num dos seus Comentários Mensais, lido, o ano passado, perante a agremiação. Essa peça de oratória veio parar-me às mãos por mero

acaso, apesar de todo o cuidado posto em esconder do público os actos da Sociedade. A publicação alarmará todos os seus membros, mas é esse mesmo o seu intento. Porque mais facilmente os abaterei graças a um apelo à opinião pública, através da sua conceituada revista, do que recorrendo à Bow Street com um abaixo-assinado; processo a que, no entanto, deitarei mão se este agora falhar, pois é escandaloso que tais coisas possam acontecer em terra cristã. Até entre gentios a pública tolerância perante o assassínio, di-lo um autor cristão, é considerada como a mais gritante ofensa à moral. Refiro-me a Lactâncio, com cujas palavras, tão a propósito, vou concluir: «Quid tam horribile» — diz ele — «tam tetrum, quam hominis trucidatio? Ideo severrissimis legibus vita nostra munitur; ideo bella execrabilia sunt. Invenit tamen consuetudo quatenus homicidium sine bello ac sine legisbus faciat: et hoc sibi quod scelus vindicavit. Quod si interesse homicidio sceleris conscientia est — et eidem facinori spectator obscrictus est cui admissor; ergo et in his gladiatorum caedibus non minus cruore profunditur qui spectat, quam ille qui facit: nec potest esse immunis à sanguine qui voluit effundi; aut videri non interfecisse, qui interfectori et favit et proemium postulavit.» « A vida humana», escreve, «é defendida por leis de extremo rigor, mas o costume inventou uma forma de lhes escapar, a favor do assassínio; e as exigências do gosto («voluptas») estão a tornar-se iguais às do próprio crime.» Que a Sociedade dos Cavalheiros Amadores pense nisto e me deixe chamar-lhes a atenção para o último período, de tanto peso que procurarei traduzi-lo para a nossa língua: «Ora, se a simples presença torna o espectador cúmplice de um crime, envolvendo-o no homicídio, ao

lado do assassino, segue-se que, nos crimes do anfiteatro, estão tão tintas de sangue as mãos do que dá a morte como as dos que assistem ao espectáculo; nem se lavarão dele participantes que são no crime, pelos incitamentos ao assassino, para quem pedem prémios com os seus aplausos.» O «proemia postulavit». Os Cavalheiros Amadores de Londres ainda não chegaram a tanto, embora, sem a menor dúvida, os seus métodos tendam para isso; mas o «interfectori favit» está implícito no próprio nome da associação, e expresso em cada linha da conferência que tenho a honra de lhe enviar. Creia-me, etc.

X. Y. Z.

Nota do editor — Agradecemos ao nosso correspondente a sua comunicação, assim como a citação de Lactâncio, que é muito pertinente para o seu ponto de vista. O nosso, devemos confessá-lo, é diferente. Não podemos imaginar que o conferencista falasse mais a sério do que Erasmo no seu «Elogio da Loucura», ou Swift quando sugeriu que se comessem criancinhas. Seja como for, de um ou de outro ponto de vista, a verdade é que o texto merece ser tornado público.

TEXTO DA CONFERÊNCIA

Meus senhores: — Coube-me a honra de ser escolhido pela direcção para o difícil encargo de comentar a conferência de Williams sobre o Assassínio como uma das Belas-Artes — tarefa que seria fácil há três ou quatro séculos atrás, quando tal arte era pouco compreendida, sendo escassos os grandes modelos até então conhecidos; mas nesta nossa época, quando tanta obra-prima foi já executada por profissionais, torna-se evidente que o público exigirá da crítica um estilo à altura do empreendimento. A prática e a teoria devem evoluir «pari passu». O público começa a perceber que, para a composição de um assassínio em regra, se exigem mais do que dois néscios, um para matar e outro para morrer, uma faca, uma bolsa e uma viela escura. Desenho, composição, luz e sombra, poesia, sentimento, são hoje, meus senhores, considerados indispensáveis a empreendimentos de tal natureza. Mr. Williams exaltou, perante todos nós, o ideal do crime, acentuando, por conseguinte, a dificuldade do meu trabalho. Como Ésquilo ou Milton na Poesia, como Miguel Ângelo na Pintura, elevou a sua arte ao nível do sublime, e, conforme observa Wordsworth, pode dizer-se, em

certa medida, que «criou o gosto segundo o qual deve ser apreciado». Esboçar a história da arte, examinar criticamente os seus princípios, tornou-se agora uma obrigação para o conhecedor, e para juízes de índole muito diferente dos que pontificam nos tribunais de Sua Majestade.

Mas, antes de começar, deixem-me dirigir uma ou duas palavras aos pedantes que se referem à nossa Sociedade como se ela fosse, em certa medida, e por tendência, uma organização imoral. Imoral! Mas o que é que essa gente, meu Deus, quer dizer com isso? Pois eu sou pela moral, e sempre o serei; pela virtude, e assim por diante; e afirmo, como sempre o farei, que o assassínio — venha dele o que vier — é uma forma muito incorrecta de proceder, muito incorrecta mesmo; e não hesito em asseverar que o indivíduo que se dedica a matar o próximo deve possuir um raciocínio muito distorcido, princípios verdadeiramente errados; e, longe de o ajudar ou incitar, indicando-lhe o esconderijo da sua vítima, como aconselha um grande moralista alemão [1], afirmou ser obrigação de um homem digno, eu daria um xelim e seis dinheiros para o ver preso, o que significa mais dezoito dinheiros do que a importância oferecida, para o mesmo fim, pelos moralistas mais emi-

[1] Kant, que levou a sua exigência de verdade ao extremo de afirmar que se um homem vir um inocente escapar à sanha de um criminoso, deve, no caso de ser abordado por este, dizer a verdade, e indicar para onde é que o atacado fugiu, ainda que com isso possa provocar uma morte. E para que se não pudesse pensar que tal afirmação se lhe escapara no ardor de uma polémica, ao ser criticado por um célebre escritor francês, proferiu-a de novo, com toda a solenidade, aduzindo as suas razões.

nentes. Mas e então? Tudo neste mundo tem verso e reverso. O assassínio, por exemplo, pode ser encarado sob o ponto de vista moral (o que acontece, geralmente, nos púlpitos e na Old Bailey) e é — confesso — o seu lado mais fraco; ou, ainda, ser abordado pela sua face estética, como lhe chamam os Alemães, isto é, em relação com o bom gosto.

Para ilustrar tal asserção, recorrerei à autoridade de três eminentes personalidades, v. g., S. T. Coleridge, Aristóteles e o senhor Howship, cirurgião de seu ofício. Começarei por Coleridge. — Certa noite, aqui há uns anos, estava eu a tomar chá na sua companhia, em Berner's Street, que, a propósito, embora seja uma rua de bem pequena extensão, produz um número invulgar de homens de génio. Havia mais gente além de mim; e, entre considerações muito materialistas sobre o chá e as torradas, todos nós bebíamos uma dissertação sobre Plotino, que saía dos áticos lábios de S. T. C. De súbito, estala o grito de «fogo, fogo!», e todos nós, mestre e discípulos, Platão e «di peri ton platona», saltámos para a rua, ávidos do espectáculo. O incêndio era na Oxford Street, em casa de um fabricante de pianos; e, como prometia ser coisa de muito mérito, lamentei que as minhas obrigações me forçassem a afastar-me, antes daquilo ter chegado ao ponto crítico. Uns dias depois, voltando a encontrar-me com o meu platónico conviva, lembrei-lhe o caso, perguntando-lhe como é que terminara tão promissor espectáculo. «Meu caro», respondeu-me ele, «foi uma coisa tão fraca que todos, sem excepção, nos sentimos defraudados.» «Não vá agora alguém supor que Coleridge, demasiado gordo para ser pessoa de activa virtude, não seja, por isso, um respeitabilíssimo cristão; que o bom S. T. C., in-

sisto, seja um incendiário, ou capaz de desejar qualquer espécie de desgraça ao pobre homem e aos seus pianos (muitos deles, sem dúvida, com as chaves adicionais). Pelo contrário, sei que se trata daquela espécie de pessoa a quem poderia confiar a minha vida em caso de necessidade, embora seja um tanto gorda demais para tão impetuosas demonstrações da sua virtude. E esta não estava em causa. Com a chegada das bombas de incêndio, a moral passara, por inteiro, para o corpo de salvação pública. Sendo assim, o nosso autor tinha todo o direito a ver o seu gosto premiado. Pusera de parte o chá. Não mereceria ter, por isso, alguma coisa como compensação?

Acho que a mais virtuosa das criaturas, dentro da premissa acima estabelecida, teria todo o direito a fazer de um incêndio motivo de fruição, e a pateá-lo, como o faria em qualquer outro espectáculo capaz de despertar o interesse público, caso o mesmo o desapontasse. E, para citar outra grande autoridade, o que diz o Estagirita? Este (no Livro Quinto, se não estou em erro, da sua Metafísica) descreve o que chama «klepen telion», isto é, «o perfeito ladrão»; assim como Howship, numa obra sobre a indigestão, não tem escrúpulo, de espécie alguma, em falar, admirativamente, de uma úlcera que tinha tido a oportunidade de observar, designando-a por uma «linda úlcera». Poder-se-á com isso pretender que, num plano abstracto, um gatuno represente para Aristóteles um bom carácter, ou que o senhor Howship se tenha apaixonado por uma úlcera? Aristóteles, como muito bem se sabe, era indivíduo de moral tão irrepreensível que, não contente com ter escrito a sua «Ética», num volume em oitavo, redigiu, também, um outro sistema, chamado

«Magna Moralia», ou Grande Ética. É, aliás, impossível que um homem, ainda que não tenha composto nenhuma espécie de ética, grande ou pequena, possa admirar um ladrão «per se», e, quanto ao senhor Howship, toda a gente sabe que ele se dedica a uma autêntica guerra às úlceras, tão pouco seduzido pelos seus encantos que parece apostado em as banir do condado de Middlessex. Mas a verdade é que, objectáveis, embora, «per se» — em relação a outros da sua classe, tanto um gatuno como uma úlcera apresentam diversos níveis no que respeita aos respectivos méritos. Trata-se, é certo, em ambos os casos, de imperfeições, mas se ser imperfeito é da sua essência, na grandeza dessa mesma imperfeição reside o respectivo valor. «Spartam nactus es, hanc exorna.» Ladrões como Autolicos ou o senhor Barrington, e uma disforme úlcera fagedénica, soberbamente definida, desenvolvendo-se, com regularidade, ao longo do seu processo natural, podem muito bem ser tão exemplares, no seu género, como a mais perfeita rosa entre as demais flores, quando apreciada no seu desenvolvimento de botão, a «bela flor consumada», ou, para falar de flores humanas, como a mais magnificente das jovens, revestidas com as pompas da feminilidade. E, assim, não só se pode imaginar um tinteiro ideal (como o demonstrou Coleridge na sua célebre correspondência com Blackwood) — o que, a propósito, não é coisa por aí além, dado que um tinteiro é objecto muito de louvar, valioso ornamento que é da sociedade — como a própria imperfeição pode apresentar o seu sumo grau ou estado perfeito.

Peço, meus senhores, desculpa por tão longa divagação filosófica e permitam-me que passe a aplicá-la. Se estiver para ser cometido

um crime e isso nos chegar aos ouvidos, procuremos, por todos os meios, pôr a moral em primeiro lugar. Mas suponhamo-lo já concretizado, e que dele se pode dizer que é «tetelestai» ou (neste adamantino molosso de Medeia) «eirgastai»; suponha-se que o pobre homem assassinado viu findos todos os seus tormentos, e que o malfeitor que o cometeu conseguiu escapulir-se, ninguém sabe para onde; suponha-se, enfim, que fizemos o possível por agarrar o malvado, mas sem o conseguirmos — «abiit, evasit», etc. A que vem então, digo eu, o recurso a mais virtude? Já se concedeu bastante à Moral; chega-se agora à altura do Bom Gosto e das Belas-Artes. É uma coisa triste, não há dúvida, muito triste mesmo, mas já nada podemos fazer para a emendar. É extrair o melhor que pudermos de um mau tema; e, como é impossível tirar dele qualquer proveito moral, temos que o abordar sob uma perspectiva estética, e ver se tem assim algum préstimo. Se for esta a lógica de qualquer pessoa de sentimentos, o que é que acontece? Secam-se as lágrimas e talvez se tenha a satisfação de descobrir que um assunto que, sob o ponto de vista moral, é capaz de ser chocante, sem esteio ético em que se firme, pode tornar-se, quando analisado sob o ponto de vista do Bom Gosto, em obra meritória. Fica então toda a gente satisfeita, justificando-se o velho provérbio que afirma ser bem ruim vento aquele que sopra sem proveito de ninguém; o apreciador, bilioso e mal-humorado, por demasiada atenção prestada à virtude, ganha novo ânimo e a alegria acaba por prevalecer. A virtude já teve o seu dia; daí em diante têm lugar a «Vertu» e o Bom Gosto. Seguindo o mesmo princípio, proponho-me, meus senhores, orientar os vossos estudos, de Caim a Thurdell.

Vageremos, portanto, de mãos dadas, por entre esta vasta galeria de assassinos, enquanto me esforço por chamar a vossa atenção para os casos de mais proveitosa crítica.

★

Todos sabem qual foi o primeiro crime de morte. Como inventor do homicídio, progenitor de tal arte, Caim deve ter sido um génio de primeira água. Aliás, todos os Cains são homens de génio. Tubal Caim inventou, penso eu, as tubas, ou qualquer coisa no género. Mas, fosse qual fosse a originalidade e o génio do artista, todas as artes se encontravam então na infância, e essas obras devem ser criticadas tendo sempre em vista tal facto. Mesmo a obra de Tubal talvez não merecesse, hoje em dia, a mais pequena aprovação em Sheffield; quanto a Caim (falo em Caim Sénior) não significa menosprezo dizer que o seu trabalho não foi lá grande coisa. Milton, no entanto, parece ter pensado de maneira diferente. Pelo seu modo de relatar o caso, parece ter sido o seu crime favorito, de modo que lhe dá uns retoques, com nítida preocupação pelos efeitos pitorescos:

Ao que se enfureceu; e, enquanto falavam,
Atingiu-o no peito com uma pedra,
Que lhe cortou a respiração: caiu, e, pálido de
morte,
Foi-se-lhe a alma libertando com o sangue
derramado.

(«Paraíso Perdido», L. XI)

Sobre isto, escreveu Richard, pintor com grande golpe de vista para os efeitos, nas suas notas sobre o «Paraíso Perdido»

(pág. 497): «Sempre se pensou que Caim cortou o fôlego do irmão com uma enorme pedra; Milton acrescenta-lhe, porém, uma grande ferida.» Diga-se, desde já, ter sido este um judicioso acrescento; dada a rusticidade da arma, a não ser que esta seja exaltada e engrandecida com a cor quente do sangue, fica com muito do ar da escola primitiva; como se o crime fosse cometido por um Polifemo sem ciência, premeditação ou qualquer outra coisa, com um osso de carneiro nas unhas. Sinto-me, no entanto, muito satisfeito com o melhoramento, pois o mesmo prova que Milton era um conhecedor. Mas como Shakespeare não houve outro; aí estão para o provar as descrições das mortes do Duque de Gloucester, no Henrique VI, de Duncan, Banquo, etc.

Tendo sido a arte criada há tantos séculos, é lamentável ver como ela se deixou adormecer, sem o menor progresso, durante anos e anos. De facto, serei agora forçado a passar por cima de todos os assassínios, sagrados ou profanos, como manifestamente indignos de notícia, até muito depois da era cristã. A Grécia, mesmo na época de Péricles, não produziu um crime sequer digno de nota, ainda que de escasso mérito; e Roma foi de génio tão pouco original em qualquer das artes, para ter êxito naquela em que o seu próprio modelo fracassou. De facto, o Latim perde o pé ante a ideia de assassínio. «O homem foi morto» — como é que isto soaria em Latim? «Interfectus est, interemptus est» — é assim que se exprime a ideia de homicídio; a cristandade latina da Idade Média foi, por isso, forçada a introduzir uma palavra nova, dado que a fraqueza das concepções clássicas nunca o conseguiria fazer. «Murdratus est», dizia-se no sublime dialecto daquelas

eras góticas. Entretanto, a escola judaica do assassínio manteve vivo tudo quanto ainda sabia de tal arte, transferindo, gradualmente, esses conhecimentos para o Ocidente. Na verdade, a escola judaica foi sempre respeitável, mesmo nas épocas de obscurantismo, como o mostra o caso de Hugo de Lincoln, que foi honrado com a aprovação de Chaucer, por ocasião de uma outra actuação da mesma escola, louvor esse posto na boca da Madre Abadessa.

Recorrendo, no entanto, e por instantes, à antiguidade clássica, não posso deixar de pensar que Catilina, Clódio e outros do mesmo corrilho dariam artistas de primeira água; só há motivos para lamentar que a má vontade de Cícero tenha tirado ao seu país ocasião de se distinguir neste capítulo. Como vítima de assassínio, ninguém poderia ter servido melhor do que o autor das Catilinárias. Meu Deus!, como ele teria uivado de pânico, se tivesse ouvido Cetheques debaixo do seu leito. Seria coisa muito divertida de contar; e como me sinto satisfeito, meus senhores, por ele ter preferido o «utile» de se arrastar até junto de uma latrina, ou mesmo uma cloaca, ao «honestum» de enfrentar o corajoso artista.

Para voltar aos tempos do obscurantismo — com o que todos quantos falam com precisão se querem referir, em especial, ao século X, e aos tempos imediatamente anteriores e posteriores —, épocas naturalmente favoráveis à arte do homicídio, tal como o foram à edificação de igrejas e execução de vitrais, etc., surge-nos, já perto do fim de tal período, uma grande figura da nossa arte; refiro-me ao Velho da Montanha. Era, na verdade, uma luz resplandecente, e não preciso

de lhes dizer que a palavra «assassino» teve origem nele. Tão perspicaz como amador ele era que, em certa ocasião, quando a sua vida foi ameaçada por um homicida seu favorito, se mostrou tão satisfeito com o talento demonstrado pelo discípulo que, não obstante o fracasso do artista, logo ali o fez Duque, título transmissível pela linha feminina, fixando-lhe uma tença por três vidas. O magnicídio é um ramo da nossa arte que exige notícia à parte, pelo que, noutra altura, lhe dedicarei uma conferência inteira. Entretanto, observarei apenas que uma actividade tão original só floresce por acessos. A nossa própria época pode orgulhar-se de alguns exemplos de idêntica qualidade; e, aqui há uns séculos, verificou-se uma brilhante constelação de crimes no género. Não preciso de dizer que me refiro, em especial, a cinco esplêndidas obras — as mortes de Guilherme I de Orange, Henrique IV de França, do Duque de Buckingham (que poderão ver excelentemente descrita nas cartas publicadas pelo Sr. Ellis, do Museu Britânico), de Gustavo Adolfo e de Wallenstein. O assassínio do rei da Suécia é posto em dúvida por muitos escritores, entre eles Harte, mas laboram todos em erro. O soberano foi mesmo assassinado, achando eu a sua morte um caso único, dadas as circunstâncias: o crime deu-se ao meio-dia, em pleno campo de batalha — pormenor de extrema originalidade, não observável em qualquer outro trabalho de que me lembre. Tais magnicídios podem, na verdade, ser estudados, com o maior proveito, pelos conhecedores mais adiantados. São todos «exemplaria», podendo deles afirmar-se que:

«Nocturna versate manu, versate diurna»
Especialmente «nocturna».

Mas nada há na morte de príncipes e homens de Estado que provoque o nosso espanto: importantes modificações dependem, muitas vezes, disso, e, dado o alto nível a que eles se encontram, é natural que sejam excelentes alvos para os artistas possuídos pelo anseio dos efeitos cénicos. Mas existe uma outra espécie de assassínios, que muito se manifestou nos princípios do século XVII, e que, na verdade, me surpreende: quero referir-me à eliminação física dos filósofos. Porque, meus senhores, é verdade que muitos eminentes pensadores dos dois últimos séculos foram mortos, ou, pelo menos, estiveram muito perto disso; de tal modo que, se um indivíduo se inculca como filósofo e jamais sofreu um atentado contra a sua vida, pode ficar certo de que de pensador nada tem; e contra a filosofia de Locke, em particular, penso ser uma objecção irresponsável (se alguma fosse necessária) que, haja ele embora passeado a garganta por este mundo, durante setenta e dois anos, não tenha aparecido um homem que condescendesse em lha cortar. Como os casos passados com filósofos são pouco conhecidos, embora, em geral, se apresentem perfeitos e bem delineados nos seus pormenores, farei aqui um excurso sobre a matéria, com o fim especial de patentear a minha erudição.

O primeiro grande filósofo do século XVII (se exceptuarmos Galileu) foi Descartes; e se se pode afirmar de um homem que escapou à morte por uma unha-negra, ele é um deles. O caso é-nos contado por Baillet, na sua «Vie de M. Descartes», tomo I, págs. 102-103. Em 1621, teria Descartes uns vinte e seis anos, viajava ele como era seu hábito (porque era como uma hiena, incapaz de parar num local) quando, ao chegar às margens do Elba, em

Gluckstadt ou Hamburgo, apanhou um barco para a Frísia Oriental: o que iria lá fazer nunca se soube; por pensar nisso, talvez ele próprio tenha decidido, de súbito, navegar para a Frísia Ocidental; impaciente como era, fretou um barco, contratando os marinheiros necessários para o fazer navegar. Ainda mal se metera ao mar, fez a interessante descoberta de ter caído num covil de assassinos, verificando, diz-nos Baillet, que os tripulantes eram «des scélérats», não amadores, meus senhores, como nós somos, mas profissionais — cuja maior ambição era degolar o passageiro. Mas a história é demasiado interessante para ser resumida, pelo que a contarei com a maior exactidão, traduzindo o francês do seu biógrafo: «O senhor Descartes só tinha a companhia dos criados, com os quais falava francês. Os marinheiros, que o tomaram por um mercador estrangeiro, em vez de um cavalheiro, concluíram que devia trazer basto **cabedal** consigo. Pondo-se de acordo, chegaram a uma decisão de modo algum vantajosa para o fim que tinham em vista, e que era a bolsa do filósofo. É que há uma diferença entre os ladrões do mar e os das florestas: os últimos podem, sem perigo, poupar a vida das suas vítimas, ao passo que os outros não podem desembarcar o passageiro sem correrem o risco de ser presos. A tripulação do senhor Descartes pensou que poderia escapar-se a qualquer perigo do género. Viram à légua que se tratava de um estrangeiro, sem conhecimentos na região, e que ninguém se iria incomodar a saber dele, caso desaparecesse («quand il viendrait à manquer»).» Pensem, meus senhores, nesses cães da Frísia a discutir um filósofo como se ele fosse um casco de rum. «O homem é de feitio pacífico e paciente, notaram eles, e, julgando

pela delicadeza e cortesia com que os tratava, não passaria de um jovem inexperiente, pelo que chegaram à conclusão de que seria trabalho fácil disporem da sua vida. Não tiveram escrúpulos em discutir o assunto na presença dele, sem suspeitarem de que compreenderia outra língua além daquela com que falava aos criados, e acabaram por decidir matá-lo, atirá-lo ao mar e dividir o espólio.»

Desculpem-me o riso, meus senhores, mas é que não me posso conter ao pensar neste caso — havendo nele duas coisas que me parecem bastante cómicas. Uma, o terror que Descartes deve ter sentido ao ouvir uma peça em que se representavam a sua própria morte, funeral, sucessão e administração de bens. Mas há outra coisa que me parece ainda mais engraçada neste caso: se esses cães frísios tivessem mesmo agido, não teríamos hoje a filosofia cartesiana; e que faríamos nós sem ela, tendo em conta o mundo de livros que produziu? Qualquer respeitável cangalheiro conhece a resposta certa.

Mas, adiante. Apesar do pânico que dele se apossou, Descartes decidiu-se a lutar, pondo, assim, em respeito aqueles dois anticartesianos rufiões. «Achando» — conta o senhor Baillet — «que o caso não era para brincadeiras, Descartes pôs-se de pé, num instante, assumiu o ar mais severo que aqueles covardes alguma vez haviam visto, e, dirigindo-se-lhes na língua deles, ameaçou passá-los à espada, num abrir e fechar de olhos, se se atrevessem a tocar-lhe.» O que seria, meus senhores, uma honra muito acima dos méritos de tão desprezíveis rascões — serem trespassados, como toucinho, por uma lâmina cartesiana; daí o eu me sentir satisfeito por Descartes não ter defraudado a força, o que aconteceria se executasse a sua ameaça, e,

em especial, por, com toda a probabilidade, não ser capaz de levar o navio a bom porto, depois de ter morto a tripulação; o que o forçaria a navegar, até à eternidade, nas águas do Zuyderzee, vindo, decerto, a ser confundido, pelos marinheiros, com o Holandês Voador, de regresso a casa. «A coragem demonstrada por Descartes», escreve o seu biógrafo, «teve um efeito mágico sobre aqueles miseráveis. Confundidos, a ponto de se esquecerem da situação de vantagem em que se encontravam, transportaram o filósofo ao seu destino, com a segurança que este desejava.»

Possivelmente, podereis pensar, meus senhores, que, tal como César ao dirigir-se ao pobre barqueiro — «Caesarem vehis et fortunas ejus» — bastaria ao nosso pensador dizer: «Cães, não sereis capazes de me cortar a garganta, porque transportais Descartes e a sua filosofia» e, com toda a segurança, desafiá-los a executar a sua malfeitoria. Um imperador germânico teve a mesma ideia quando, sendo avisado para se afastar do trajecto de uma canhonada, respondeu: «Ó homem, já ouviste alguma vez falar de um tiro de canhão que tenha morto um imperador?» Um imperador, não sei se sim, se não, mas coisa de menos monta bastou para dar cabo de um filósofo: um grande pensador europeu, que foi, sem a menor dúvida, assassinado. Refiro-me a Espinosa.

Sei muito bem que a opinião corrente é ele ter morrido na cama. Talvez isso seja verdade, embora não signifique que não tenha sido morto; o que provarei recorrendo a um livro publicado em Bruxelas, em 1731, sob o título «La Vie de Spinosa; par M. Jean Colerus», com vários aditamentos escritos por um dos seus amigos. O filósofo morreu em

21 de Fevereiro de 1677, com pouco mais de quarenta e quatro anos de idade. Isto só por si já parece suspeito e Jean Colerus admite, por uma certa expressão do seu manuscrito, «que sa mort n'a pas été tout-à-fait naturelle». Vivendo num país muito húmido, num país de marinheiros, como é a Holanda, é muito natural que se metesse nos grogues, especialmente no ponche [1], bebida de descoberta recente. Se é verdade que o poderia ter feito, certo é, também, que tal não aconteceu. Jean Colerus di-lo «extrêmement sobre en son boire et son manger». Embora insensatas versões tenham vindo a lume sobre o seu uso do sumo de mandrágora (pág. 140) e do ópio (pág. 144), nenhum destes produtos aparece no rol das suas compras no droguista. Vivendo, porém, com tanta sobriedade, como é possível ter ele morrido de morte natural, aos quarenta e quatro anos? Ouçamos o seu biógrafo: «Na manhã de domingo do dia 21 de Fevereiro, antes da hora da missa, Espinosa desceu as escadas e veio conversar com o dono e a dona da casa.» Nesta altura, portanto, aí pelas dez horas da manhã, Espinosa ainda estava vivo e são. Mas parece que «tinha chamado de Amsterdão um certo médico, que», escreve o seu biógrafo,

[1] 1 de Junho de 1675 — «Bebi hoje parte de três taças de ponche (bebida que desconhecia)», escreve o Rev. Henry Teonge, no seu Diário, mais tarde publicado. Numa nota a esta passagem é feita referência às Viagens de Fryer nas Índias Orientais, 1672, em que se fala dessa «enervante bebida chamada «paunch» (cinco em hindi) devido aos cinco ingredientes com que é preparada», pelo que os médicos lhe chamam «diapente»; se for só com quatro designam-na por «diatessaron». Não haja dúvida, foi a sua tão evangélica designação a recomendá-la ao Rev. Teonge.

«só posso citar pelas iniciais L. M. Este L. M. disse à gente da casa para comprar um galo velho e o cozer, a fim de Espinosa poder tomar um caldo antes do meio dia, o que de facto fez, comendo ainda, com grande apetite, parte do capão, depois de os donos da casa terem voltado da igreja.»

«À tarde, L. M. ficou só com Espinosa, tendo as pessoas da casa tornado à igreja; ao regressarem viram, com grande surpresa, que Espinosa morrera aí pelas três horas, na presença de L. M., que partiu, de barco, para Amsterdão, nessa mesma noite, sem prestar a menor atenção ao falecido. Não há dúvida de que não cumpriu com as suas obrigações, safando-se com um ducado, uma pequena quantidade de prata, além de uma faca com cabo do mesmo metal, tudo produto de pilhagem.» Aqui se pode ver, meus senhores, como o crime foi planeado e posto em prática. L. M. matou Espinosa para o roubar. O pobre filósofo era um inválido, magro e fraco: como não havia vestígios de sangue, L. M., não haja dúvida, atirou-se ao chão e asfixiou-o com almofadas — estando o infeliz já meio sufocado pelo infernal almoço que comera. Mas quem era esse tal L. M.? Não deve ser, por certo, Lindley Murray, porque o vi em York em 1825, e, além disso, penso que não era homem para uma coisa dessas; pelo menos a um confrade em coisas de gramaticar, porque, como muito bem sabeis, Espinosa escreveu uma respeitabilíssima gramática hebraica.

Hobbes, nunca consegui perceber porquê, não foi assassinado, o que foi um erro capital, cometido, no século XVII, pelos profissionais da nossa arte, pois que se trata, sob todos os pontos de vista, de um excelente alvo para o homicídio, excepto, é verdade, por ser só

pele e osso; posso provar que tinha dinheiro, e (o que tem muita graça) não tinha direito a opor a menor resistência, pois, de acordo com as suas próprias afirmações, existe um poder irresistível que cria as mais altas espécies de direito, de modo que constitui crime de rebelião recusar-se um indivíduo a ser morto quando uma força idónea surgir para o liquidar. Seja como for, meus senhores, embora ele não tenha sido assassinado, sinto-me feliz por lhes poder garantir que o nosso filósofo se viu, por três vezes, bem perto disso. A primeira, na Primavera de 1640, quando fez circular, diz ele, um pequeno manuscrito em defesa do Rei e contra o Parlamento; embora, diga-se entre parêntesis, ele nunca tivesse escrito tal panfleto, não deixa por isso de afirmar que «se Sua Majestade não houvesse dissolvido o Parlamento (em Maio) o manuscrito teria posto a sua vida em perigo». No entanto, a dissolução do Parlamento não adiantou grande coisa, porque, reunindo-se, em Novembro do mesmo ano, a Grande Assembleia, Hobbes, receando outra vez pela sua vida, escapuliu-se para França. Isto faz lembrar a insensatez de John Denis que pensou que Luís XIV nunca faria as pazes com a Rainha Ana, a menos que desistisse da sua vingança, e se decidiu a fugir para junto dele. Em França, Hobbes portou-se, durante dez anos, de maneira a safar a garganta, mas, ao fim desse tempo, como que a querer agradar a Cromwell, publicou o seu «Leviathan». O covarde voltou, pela terceira vez, a sentir-se assaltado pelo terror; via as espadas dos cavaleiros constantemente apontadas à garganta, a lembrar-lhe como haviam servido aos embaixadores do Parlamento em Haia e Madrid. «Tum», diz ele na sua biografia em latim macarrónico:

«Tum venit in mentem mihi Dorislaus et Ascham;
Tanquam proscrito terror ubique aderat.»

E rumou aos pátrios lares. Ora a verdade é que um homem merece uma boa arrochada por ter escrito o «Leviathan» e duas ou três por ser o autor de um pentâmetro com um fim tão ominoso como — «terror ubique aderat»! Mas nunca apareceu quem o julgasse digno de alguma coisa mais do que uma boa arrochada. De facto, a história toda não passa de um exagero saído da cabeça dele. Porque, numa abusiva carta escrita «a um homem douto» (queria referir-se a Wallis, o matemático) dá uma versão muito diferente do caso, e diz (pág. 8) que regressou à pátria «porque não podia confiar a sua segurança ao clero francês», insinuando que esteve quase para ser morto por motivos religiosos, o que teria muita graça. — Tom levado ao patíbulo por causas como essa.

Exagero ou não, certo é, no entanto, que Hobbes, para o fim da vida, receava mesmo ser assassinado. O que se prova com a história que vou contar: não é extraída de um manuscrito mas (como diz Coleridge) é tão boa como um manuscrito, pois vem num livro hoje completamente esquecido, «O Credo do senhor Hobbes, examinado num debate com um estudante de teologia», obra publicada uns dez anos depois da morte do filósofo. O livro não traz nome de autor, mas foi escrito por Tennison, o mesmo que, coisa de dez anos depois, sucedeu a Tillotson como arcebispo de Cantuária. A anedota introdutória é do seguinte teor: «Um certo teólogo (não há dúvida que se trata do próprio Tennison) fazia a sua volta anual, de um mês, às diferentes regiões da ilha. Numa dessas excursões (1670) visitou o Pico de Derbyshire, levado, em parte, pela descrição que Hobbes dele fez. Achando-se naquelas redondezas, não podia deixar de pagar uma visita a Buxton; e, no preciso momento da chegada, teve a sorte de ver um ajuntamento de cavaleiros a desmontarem à porta da estalagem, entre eles um indivíduo alto e magro, nada menos do que o senhor Hobbes, que, por certo, cavalgara até ali, vindo de Chatsworth. «Topando com bicho de tal envergadura — um turista, em busca de pitoresco, não podia fazer menos do que tornar-se intrometido. Felizmente para tal intento, dois companheiros do senhor Hobbes tiveram de se retirar devido a um recado que um mensageiro lhes trouxe, de modo que, durante toda a sua permanência em Buxton, teve o nosso teólogo o «Leviathan» inteiramente ao seu dispor, e a honra de com ele debater ideias. Hobbes, parece, mostrou, a princípio, uma grande reserva, pois se sentia muito embaraçado na presença de teólogos; mas, depois disso, tornou-se sociável e gracioso, pelo que acabaram por concordar em ir juntos para o banho — como é que Tennison se permitiu aventurar-se a cabriolar nas mesmas águas do «Leviathan» é coisa que não consigo explicar, mas foi assim: retouçavam como dois delfins, embora Hobbes fosse quase tão velho como a Sé de Cantuária; e «nos intervalos em que deixavam de nadar e mergulhar, conversavam sobre coisas relacionadas com o Banho dos Antigos e a Origem da Primavera. Uma hora depois, saíam do banho, e, enxugados e vestidos, sentavam-se à espera do jantar, bebendo como os «Deipnosophistae», mais para discorrer do que para entrarem em grandes libações. Mas foram interrompidos em tão inocente actividade pelo burburinho

resultante de uma discussão em que a gente mais baixa da casa, por momentos, se empenhara. No que o senhor Hobbes parecia muito interessado, embora estivesse bastante longe de tais pessoas. E porque é que aquilo lhe interessava, meus senhores? Pensareis, sem dúvida, que se tratava de benigno e desinteressado amor pela paz e a harmonia, coisa de esperar de um ancião, filósofo ainda por cima. Mas ouçam — «Esteve calado um instante, depois começou a contar, uma vez ou duas, como se falasse consigo próprio, em tom baixo e cauteloso, como é que Sextus Roscius fora morto, depois do jantar, pelos «Balneae Palatinae». De tão geral aplicação é o reparo de Cícero, quando, ao referir-se a Epicuro, o Ateu, faz notar que ele temia mais do que ninguém as duas coisas que dizia desprezar — a Morte e os Deuses.» Só porque se estava na hora do jantar e nas proximidades de um balneário, o senhor Hobbes devia logo ter o destino de Sextus Roscius. Que lógica há nisto, a não ser que se esteja diante de um homem que sonha, constantemente, em ser assassinado? Ali estava Leviathan, receoso, já não das adagas dos cavaleiros ingleses ou do clero francês, mas assustado com uma rixa de cervejaria, entre honestos tanoeiros do Derbyshire, a quem a sua figura de espantalho, de pessoa de outro século, deveria ter aterrorizado. Malebranche, como muito vos agradará ouvir, foi assassinado. O assassino é pessoa muito conhecida: trata-se do bispo Berkeley. Toda a gente sabe do caso, embora não tenha sido encarado como deve ser. Berkeley, quando jovem, foi a Paris visitar o padre Malebranche. Deu com ele na cela, a cozinhar. Os cozinheiros sempre tiveram o «genus irritabile», e os autores muito mais. Pois Malebranche era ambas as coisas: travou-se discussão; o velho sacerdote, já encalorado, aqueceu ainda mais; eram irritações culinárias e metafísicas mancomunadas para lhe desarranjar o fígado; deitou-se no catre, e morreu. Esta a versão corrente do caso: «E todos os ouvidos da Dinamarca foram ofendidos.» A verdade é que o assunto foi abafado, sem consideração por Berkeley, o qual (como notou o Papa) possuía «todas as virtudes existentes debaixo do céu»; ora, como muito bem se sabe, Berkeley, sentindo-se exasperado com a acrimónia do velho francês, atirou-se a ele, resultando disso um grande chinfrim. Malebranche caiu ao primeiro assalto, perdeu a presunção e talvez se desse por vencido se Berkeley não se obstinasse em que o velho francês se retractasse da sua doutrina das Causas Ocasionais. O orgulho do homem era grande demais para isso, pelo que tombou em sacrifício à impetuosidade do jovem Irlandês e à sua própria absurda obstinação.

Pode dizer-se «a fortiori» que Leibniz, a todos os respeitos superior a Malebranche, também foi assassinado, embora não tenha sido o caso. Acredito que ele se sentisse irritado com o sossego e insultado pela segurança em que decorriam os seus dias. Não posso explicar de outra forma o seu comportamento nos seus últimos tempos, quando se tornou cúpido, acumulando, em casa, grandes somas em ouro. Passou-se isto em Viena, onde veio a falecer; ainda existem as cartas descrevendo a incomensurável ansiedade em que vivia, com medo de ser assassinado. Mas a sua vontade de sofrer era tão grande que se mostrava incapaz de renunciar a um tal perigo. Um pedagogo inglês, já falecido, natural de Birmingham, refiro-me ao Dr. Parr, tomou uma decisão mais egoísta, nas mesmas

circunstâncias. Acumulara uma considerável quantidade de ouro e prata, guardando-a, durante uns tempos, no quarto do seu presbitério, em Hatton; mas, receando, cada vez mais, ser assassinado, o que ele sabia não poder suportar (e ao que, na verdade, nunca teve a mais pequena pretensão), transferiu tudo para casa do ferrador de Hatton, pensando, sem dúvida, que a morte de um calça-mulas seria menos prejudicial à «salus reipublicae» do que a de um pedagogo. Mas já ouvi discordar muito de tal juízo; parece-me ser opinião geral que uma ferradura vale bem dois sermões de Spital.

Se de Leibniz, embora não tivesse tido morte violenta, se pode dizer que faleceu em parte por medo de ser assassinado, e por outro lado, pelo vexame de o não ter sido — Kant, por seu lado, que nenhuma ambição tinha em tal terreno, esteve mais perto disso do que qualquer dos indivíduos de que até aqui falámos, Descartes excluído. Tão absurda é a Fortuna a espalhar os seus favores! O caso vem contado, suponho eu, numa biografia anónima daquele grande homem. Por motivos de saúde, o filósofo impunha-se, a certa altura, a percorrer a pé, todos os dias, coisa de seis milhas, ao longo de uma estrada. O caso chegou ao conhecimento de um homem que tinha particulares razões para cometer um crime de morte, pelo que, a três milhas de Conisberga, esperou pela vítima, que viria com a pontualidade das diligências. E seria a morte do filósofo. No entanto, por motivos «éticos», deu-se o caso de o assassino preferir uma criança, que andava a brincar na estrada, ao velho moralista: morreu aquela e salvou-se o pensador. Esta a versão germânica da história. Na minha opinião, porém, o assassino era um requintado, que achou que

pouco lucraria a causa do Bom Gosto com a morte de um velho, seco e adusto metafísico; não haveria no morto beleza alguma, porque uma autêntica múmia já ele era em vida.

★

Esbocei assim, meus senhores, a relação existente entre a filosofia e a nossa arte, até chegar, sem dar por isso, à nossa era. Não me preocuparei em a caracterizar de modo diferente daquele que a precedeu, pois, de facto, são bastante afins. Os séculos XVII e XVIII, unidos ao que nos foi dado viver do XIX, compõem, em conjunto, o período augusto do homicídio. A obra-prima do primeiro é, sem discussão possível, a morte de Sir Edmondbury Godfrey, que merece a minha inteira aprovação. Deve, ao mesmo tempo, observar-se que a quantidade dos homicídios nem por isso é muito grande naquele século, pelo menos entre os nossos artistas; o que talvez possa ser atribuído à necessidade de um patrocínio mais esclarecido. «Sint Maecenates, non deerunt Flacce, Marones.» Consultando as «Observações feitas sobre as certidões de óbito», da autoria de Grant (quarta edição, Oxónia, 1665) verifico que de 229 250 indivíduos mortos em Londres, no decurso de um período de vinte anos do século XVII, os assassinados não passaram de oitenta e seis; isto é, quatro e três décimos por ano. Número muito baixo, meus senhores, para com ele se fundar uma academia, embora ante média tão escassa tenhamos o direito de esperar que a qualidade tivesse sido de primeira. E talvez fosse, embora eu seja de opinião que o melhor artista desse século se não pode comparar ao melhor do que se lhe seguiu. Por mais louvável que seja, por exemplo, o caso

de Sir Edmondbury Godfrey (e ninguém é mais sensível aos seus méritos do que eu) persisto em o não pôr ao nível do de Mrs. Ruscombe, de Bristol, tanto na originalidade do desígnio, como no arrojo e largueza de vistas do estilo. A morte daquela boa senhora teve lugar nos princípios do reinado de Jorge III — um reinado notoriamente favorável às artes em geral. Vivia ela em College Green, na companhia de uma criada, nada havendo em ambas que desse motivo a uma notícia histórica, o que aconteceu, porém, graças ao grande artista cujos primores estou a recordar. Uma bela manhã, com Bristol em peso viva e em movimento, levantaram-se certas suspeitas; os vizinhos forçaram a porta de entrada e viram Mrs. Ruscombe morta no quarto, e a criada, no mesmo estado, mas nas escadas. Era meio-dia e, coisa de umas duas horas antes, patroa e serva estavam ainda vivas. Tanto quanto me posso lembrar, o caso passou-se em 1764, há mais de sessenta anos, portanto, e o artista continua por descobrir. A suspeita da posteridade recaiu sobre dois pretendentes — um padeiro e um limpa-chaminés. Mas a posteridade labora em erro; nenhum artista sem prática era capaz de conceber ideia tão arrojada como a de cometer dois assassínios, ao meio-dia e em pleno coração da cidade. Não foi um obscuro padeiro, meus senhores, nem um anónimo limpa-chaminés, estejam certos, a executar o trabalho. Eu sei quem foi. (Houve aqui grande burburinho, que se converteu em rasgados aplausos; o conferencista corou, e prosseguiu com mais entusiasmo.) Por amor de Deus, meus senhores, não me compreendam mal; não fui eu o autor. Não tenho a veleidade de me comparar a quem quer que seja assim tão bem dotado; estejam certos de que sobrevalorizam os meus modestos

méritos; o caso de Mrs. Ruscombe está muito acima dos meus escassos talentos. Mas cheguei ao conhecimento de quem foi o artista graças a um célebre cirurgião, que assistiu à autópsia do assassino. Aquele cavalheiro possuía um museu particular, relacionado com a sua profissão, um canto do qual estava ocupado com o modelo de um homem de proporções notavelmente delicadas.

«Isto» — disse-me o cirurgião — «é um modelo do célebre bandido do Lancashire, que, durante uns tempos, conseguiu esconder dos vizinhos a actividade a que se dedicava, enfiando umas meias de lã nas patas do cavalo, para abafar o ruído que este faria no caminho lajeado que levava ao estábulo. Era eu discípulo de Cruickshank, aquando da execução de tal homem como salteador, e a figura dele era tão bem proporcionada que não poupámos dinheiro nem diligências para entrarmos, sem demora, na sua posse. Com a conivência do corregedor-adjunto, desceram-no da forca, antes do tempo prescrito por lei, pondo-o logo numa carruagem, de tal modo que, ao chegar às mãos de Cruickshank, não estava o que se pode dizer completamente morto. O senhor..., jovem estudante na altura, teve a honra de lhe aplicar o «coup de grace» — dando, assim, completo cumprimento à sentença do juiz.»

O notável episódio, que parece querer significar que os cavalheiros da sala de dissecção têm gosto artístico idêntico ao nosso, impressionou-me bastante; repetia-o eu a uma senhora do Lancashire, que logo me informou de que morava na vizinhança daquele tal salteador, e se lembrava muito bem de duas circunstâncias que, ligadas uma à outra, faziam recair, na opinião de todos os vizinhos, sobre aquele homem as culpas no

caso de Mrs. Ruscombe. Uma delas assentava no facto de ele ter estado ausente, uns quinze dias, na altura do crime; a segunda, em que, pouco tempo depois, a vizinhança se viu inundada de dólares: sabe-se que Mrs. Ruscombe tinha amealhado cerca de duas centenas de moedas daquelas. O caso continua a ser um imperecível monumento ao génio do artista que o criou e foi tal o rasto de pavor e a sensação de força que deixou atrás de si, pela capacidade de concepção demonstrada nesse crime, que não se conseguiu inquilino (conforme me disseram em 1810) para a casa onde morava Mrs. Ruscombe.

Embora exalte com tanto entusiasmo o caso ruscombiano, não pensem que menosprezo os muitos outros exemplos de extraordinário mérito ocorridos no decurso deste século. A verdade, porém, é que casos como o de Miss Bland, do capitão Donnelan ou de Sir Theophilus Boughton me não parecem dignos de apreço. Abaixo os envenenadores!, digo eu. Não poderiam ter-se deixado ficar pelo tão honesto processo de cortar gasganetes, em vez de introduzirem, entre nós, abomináveis inovações italianas? Acho que aqueles casos de envenenamento não passam, quando comparados com o estilo legítimo, de figuras de cera postas a par da verdadeira escultura, de litografias a quererem ombrear com um belíssimo Volpato. Mas, pondo esses casos de parte, ainda nos restam muitas obras-primas de puro estilo, que não envergonham seja quem for, como um diletante de boa vontade terá de admitir. De boa vontade, reparem, pois grandes concessões têm de ser feitas em tais eventos: é que nenhum artista pode estar certo de levar a cabo tudo quanto premeditou. Podem surgir estúpidos imprevistos: as pessoas não consentirem, com toda a serenidade, em que as degolem, e desatarem a fugir, a dar pontapés, a morder; e, se o retratista muitas vezes se queixa por o modelo cair em excessivo torpor, o artista, no nosso género, vê-se, em geral, embaraçado com a demasiada animação que se arma à sua volta. No entanto, se a tendência para irritar e excitar a vítima resulta em desvantagem para o seu matador, certo é, também, que tal comportamento pode servir para revelar muito talento escondido. Jeremy Taylor refere-se, com admiração, aos saltos prodigiosos que as pessoas são capazes de dar, sob a influência do medo. Temos um notável exemplo disso no recente caso M'Keans: o rapaz desbravou uma colina, como nunca mais o conseguirá fazer em dias da sua vida. A capacidade de dar murros e executar outros exercícios ginásticos tem-se visto, algumas vezes, aumentada, graças ao terror provocado pelos nossos artistas; talentos que os próprios desconhecem, escondida como anda a luz sob o alqueire. Lembro-me até de uma interessante ilustração para este facto, num caso de que tive notícia na Alemanha.

Cavalgando um dia pelos arredores de Munique, encontrei-me com um distinto amador da nossa confraria, cujo nome tenho de omitir. Confessou-me esse cavalheiro que, sentindo-se cansado com os frígidos prazeres (foi assim que lhes chamou) do simples diletantismo, se decidira a trocar a Inglaterra pelo continente — com a intenção de se profissionalizar um tanto. Dirigiu-se, por isso, à Alemanha, convencido de que a polícia daquela parte da Europa seria mais pesada e sonolenta do que em qualquer outro lado. O seu «début» como praticante teve lugar em Mann-

heim; e, sabendo que eu pertencia à irmandade dos apreciadores, contou-me, com toda a franqueza, a sua primeira aventura. «Em frente da minha casa» — disse-me ele — «vivia um padeiro: um desgraçado, quase sempre só. Não sei se foi pelo carão enfarinhado, se por outra coisa qualquer, mas o certo é que comecei a «engraçar» com ele e me decidi a estrear-me cortando-lhe a garganta, a qual, repare, ele trazia sempre à mostra — o que é extremamente irritante para o meu gosto. Verifiquei que o homem fechava as janelas precisamente às oito da noite. De uma vez, estava eu a observá-lo em tal tarefa, entrei atrás dele, fechei a porta e fi-lo ciente, com grande suavidade, daquilo que pretendia, exortando-o, ao mesmo tempo, a que não oferecesse resistência, o que seria muito desagradável para ambos. Dizendo isto, saquei dos utensílios necessários e ia começar a operação. Mas, à vista de tal aparato, o raio do padeiro, que parecia ter caído em estado cataléptico, a seguir ao meu primeiro aviso, recobrou ânimo e desatou em tremenda agitação. «Mas eu não quero morrer!» — pôs-se ele a gritar — «porque hei-de perder a minha rica garganta?» — «Porquê?» — ripostei eu — «Se outra razão não houvesse, esta bastaria; é que o senhor deita alúmen na massa. Mas, seja lá como for, com alúmen ou sem alúmen (porque eu estava decidido a rebater qualquer argumento neste ponto) fique sabendo que sou um «virtuose» na arte de matar — desejo prová-lo a mim próprio em todos os pormenores — e sinto-me atraído pela grossura da sua garganta, da qual estou decidido a ser cliente.» «Pois se isso é assim» — repontou ele — «eu é que lhe vou dar uma lição», e, dizendo isto, pôs-se em posição de querer esgrimir os punhos comigo.

A ideia de me bater com ele pareceu-me extremamente ridícula. É verdade, porém, que um padeiro londrino se distinguiu de tal modo no «ring» que veio a tornar-se famoso sob o título de Arquivista-Mor do Reino. Era, porém, homem novo e de boa compleição, ao passo que o meu antagonista não passava de um tipo balofo, dos seus cinquenta anos, sem físico para se bater. Apesar disso, lutando contra mim, que sou um mestre em pugilismo, opôs-me uma resistência tão desesperada que cheguei, muitas vezes, a temer que me atirasse com as mesas à cabeça, com o que um diletante acabaria nas mãos de um reles padeiro. Mas que situação aquela! Tão dura foi que, veja bem, nos primeiros treze assaltos a vantagem pertenceu ao meu antagonista. No décimo quarto, levei um tal soco no olho direito que este se me fechou; mas veio-me daí a salvação: apoderou-se de mim uma tal raiva que neste assalto, assim como nos três seguintes, derrubei sempre o meu adversário.

Décimo oitavo assalto. — O padeiro levantou-se todo derreado, nitidamente incapaz de prosseguir. Os quatro assaltos anteriores tinham-no deitado abaixo. Mostrou, no entanto, certa destreza a aparar um golpe que lhe dirigi ao cadavérico focinho, altura em que escorreguei e fui ao chão.

Décimo nono assalto. — Olhando para o adversário, senti-me envergonhado pelas dificuldades que aquela disforme massa de farinha me estava a criar; fui-me a ele e apliquei-lhe uns tantos correctivos bastante severos. Começou um corpo-a-corpo. Ambos fomos ao chão, o padeiro por baixo. Vantagem minha.

Vigésimo assalto. — O meu adversário levantou-se com surpreendente agilidade; tinha, sem dúvida, um bom jogo de pernas e batia-

-se maravilhosamente, tendo em conta que estava banhado em suor; mas perdera o brilho e o seu jogo era agora simples efeito do pânico. Era evidente que pouco mais poderia aguentar. Neste assalto experimentámos ambos o sistema da saraivada de pequenos murros seguidos, estilo que, aliás, me era favorável. Acertei-lhe repetidas vezes no nariz. A minha razão para isso era ele ter a penca cheia de verrugas e eu pensar que as minhas liberdades com o seu apêndice nasal o vexariam muito, o que, de facto, aconteceu.

Nos três assaltos seguintes, mestre-padeiro pôs-se a cambalear como vaca em terreno coberto de gelo. Vendo o caminho que as coisas levavam, ao vigésimo quarto assalto, disse-lhe uma coisa ao ouvido que o fez ir ao tapete como se tivesse levado um tiro. E nada mais foi do que a minha opinião sobre o valor da sua garganta para efeitos de imposto. A minha pequena confidência afectou-o muito; gelou-se-lhe o suor na cara, e nos dois assaltos seguintes tive-o à minha mercê. E quando gritei «time» para o vigésimo sétimo, o homem não passava de um cepo estendido no chão.

Depois de o meu interlocutor ter terminado, comentei eu: «É de supor, portanto, que, depois, o meu amigo tenha levado a cabo o que pretendia.» «Tem razão» — respondeu-me, com toda a calma. — «E tirei disso a maior satisfação porque matei dois coelhos de uma só cajadada», querendo com isto dizer que não só lhe dera uma sova como o liquidara. O que, a meu ver, não parece certo, pois que, pelo contrário, precisou de duas cajadadas para matar um único coelho, ao ser forçado, para lhe castigar a arrogância, a utilizar, primeiro, os punhos e depois os utensílios que levara consigo. Mas deixei-o ficar na sua. É excelente a moral desta história

porque nos mostra como se pode revelar o mais surpreendente dos talentos ante a perspectiva de ir desta para melhor. Num momento de inspiração, o padeiro de Mannheim, obeso, pesado e meio cataléptico, conseguiu aguentar vinte e seis assaltos diante de um inglês, bom pugilista e bem treinado, de tal modo o talento natural se exalta e sublima ante a presença de um assassino.

Na verdade, meus senhores, ao ouvirem-se coisas como estas, fica a gente chocada com a extrema má vontade com que muitas pessoas falam do homicídio. Ao escutá-las, pode ficar-se com a ideia de que o ser-se assassinado só tem desvantagens e inconvenientes, e que nada há de positivo nisso. Mas as pessoas de bom juízo pensam de maneira diferente. «É menor dano», diz Jeremy Taylor, «ser trespassado por uma espada do que vencido pelas febres, e o machado (a que ele deveria ter acrescentado o maço dos carpinteiros navais e o pé-de-cabra) dá muito menos aflição do que o baraço.» O Bispo fala como homem avisado e conhecedor que é; e outro grande filósofo, Marco Aurélio, colocava-se, também, muito acima dos preconceitos correntes nesta matéria, ao escrever que uma das «mais nobres funções da razão é saber se chegou, ou não, o tempo de deixar este mundo» (Livro III, em tradução de Collier). Espécie alguma de conhecimento é mais rara do que esta, pelo que **aquele homem** devia ser um grande filantropo, decidido a iniciar, gratuitamente, as pessoas, em tal ramo do conhecimento, embora corresse, com isso, muitos riscos. Referi-me a tudo isto apenas para que os futuros moralistas encontrem matéria para as suas especulações, não deixando, porém, de fazer notar que, na minha opinião, são poucos os homens que matam por motivos filantrópicos ou patrióticos, repe-

tindo o que já disse uma vez, pelo menos: que a maioria dos assassinos é gente de muito mau carácter.

Quanto aos crimes de Williams, os mais sublimes e perfeitos alguma vez cometidos, não devo falar deles apenas porque a ocasião se me propõe. Só uma conferência, ou mesmo um ciclo delas, bastará para lhes exaltar os méritos. Mas há um facto curioso, relacionado com o caso, que devo mencionar já, pois parece dele poder deduzir-se que a chama do seu génio ofuscou os olhos da justiça. Tenho a certeza de que todos se lembram de que os instrumentos com que ele executou a sua primeira grande obra (a morte dos Mars) foram um maço de carpinteiro naval e uma faca. Ora o maço pertencia a um velho sueco, um tal John Petersen, e tinha as suas iniciais. Peça essa que Williams deixou abandonada na casa dos Mars e veio a cair nas mãos dos magistrados. Ora, a verdade, meus senhores, é que se se tivesse tornado pública a existência daquelas iniciais, isso teria levado à imediata prisão de Williams e, se isso tivesse sido feito a tempo, ter-se-ia impedido o seu segundo trabalho (a morte dos Williamsons), que teve lugar, precisamente, doze dias depois. Mas os magistrados esconderam do público aquele pormenor, durante todo esse período, e até que o segundo crime tivesse sido cometido. Só depois o tornaram conhecido, na esperança, talvez, de que Williams já fizera bastante pela sua fama e de que a sua glória estava muito para além de qualquer acidente.

Quanto ao caso de Thurtell, fico sem saber o que diga. Tenho, naturalmente, as melhores impressões acerca do meu antecessor nesta cadeira, achando que as suas conferências foram dignas da maior admiração. Mas para falar com toda a franqueza, penso

que a sua melhor actuação, como artista, foi por demais valorizada. Admito que, a princípio, eu próprio fui arrastado pelo entusiasmo geral. Na manhã em que o crime se tornou conhecido em Londres, teve lugar a maior reunião de amadores que eu jamais vira desde os dias de Williams; velhos conhecedores, que passavam já a maior parte da vida na cama, e haviam caído numa espécie de mal-humorada má vontade, lamentando-se de que «nada se tem feito», era vê-los, a manquejar, dirigindo-se para a sala do nosso clube. Raramente tenho visto tanta alegria, tão generosa expressão do contentamento geral. Por todo o lado se apertavam mãos, se davam parabéns, se combinavam jantares. Só se ouviam triunfantes exclamações como «Então que tal?», «Sente-se agora satisfeito?», etc. Mas lembro-me de que, no meio de toda esta euforia, todos nos calámos para ouvir o velho e cínico amador L. S. que «laudator temporis acti», entrou na sala, com a perna de pau e a carrancuda catadura de sempre, e, conforme ia avançando, não deixava de gaguejar impropérios. «Nada há de original em toda a obra, trata-se de um simples plágio, um reles plágio de sugestões feitas por mim! Além disso, o estilo é tão tosco como o de Albert Durer, e tão grosseiro como o de Fuseli.» Não faltou logo quem pensasse que aquilo era inveja e impertinência; mas devo confessar que, acalmado o primeiro ardor do entusiasmo, vi que havia mais críticos, bastante judiciosos, a concordar em que no estilo de Thurtell alguma coisa soava a falso. Como ele era membro da nossa sociedade é natural que os nossos juízos o favorecessem. A sua popularidade entre os londrinos durou um certo tempo, mas foi demasiada para a sua vaidade, pois «opinionum commenta delet

dies, naturae judiciae confirmat». Há, contudo, um projecto inacabado de Thurtell — a morte de um homem com um par de halteres — que eu muito admiro; um esboço que é, a meu ver, a sua obra-prima. Lembro-me de ter ouvido alguns críticos lamentar que tudo tivesse ficado apenas nas linhas gerais, mas não posso concordar com eles; quantas vezes um esboço de excepcional qualidade não basta para fazer esquecer que o artista não domina os pormenores.

Considero o caso dos M'Keans a obra-prima de Thurtell, podendo ser posta a par das imortais criações de Williams, tanto quanto a «Eneida» só com a «Ilíada» pode ser comparada.

Mas é tempo já de dizer algumas palavras acerca dos princípios do assassínio, não para vos iniciar na sua prática, mas, isso sim, para vos orientar a capacidade de julgamento. Às velhas e aos leitores de jornais agrada seja o que for, desde que bem tinto de sangue. Mas a gente de gosto requintado exige algo mais. Falarei, primeiro, do género de pessoas aptas a cometer um homicídio; referir-me-ei, a seguir, ao local, terminando com considerações sobre a hora e outros pequenos pormenores.

Quanto ao perpetrador, suponho ser evidente que deve ser boa pessoa, pois se for amante de rixas é muito capaz de ser ele a ir desta para melhor, pelo que não merece que um crítico o considere um autêntico assassino. Sei de indivíduos (não cito nomes) assassinados em vielas escuras, e, quando tudo poderia parecer correcto, aprofundando-se o caso, veio a saber-se que o morto tencionara roubar o assassino, e mandá-lo para os anjinhos, se tivesse tido forças para isso. Sempre que for este o caso, ou assim o pare-

cer, adeus genuínos efeitos artísticos. Porque o fim único do assassínio, considerado como arte, é, precisamente, o mesmo da «Tragédia», como Aristóteles a concebia, isto é, «purificar o coração por meio da piedade e do terror». Claro que pode haver terror em tais casos, mas que piedade haverá num tigre a dar cabo de outro tigre? É evidente, também, que a pessoa escolhida não deve ser uma figura pública. Artista algum iria matar Abraham Newland, por exemplo. O caso é este: leu-se tanto sobre Abaham Newland e tão pouca gente o viu, que se chega a pensar que ele não passou de mera abstracção. Lembro-me, até, de uma vez em que eu disse que tinha jantado num **café** com Abraham Newland e toda a gente se pôr a olhar insolentemente para mim, como se eu tivesse dito que estivera a jogar o bilhar com o Prestes João, ou tido uma pendência de honra com o Papa. A propósito, aqui temos uma pessoa nada indicada para ser alvo de assassínio: é que o Papa dispõe de tal ubiquidade como Pai da Cristandade, sendo, como o cuco, mais ouvido do que visto, que muita gente chega a pensar que ele também não passa de uma abstracção. Mas se houver uma celebridade que tenha o hábito de oferecer jantares «com os melhores mimos da estação», já o caso é muito diferente: toda a gente se sente satisfeita por tal pessoa não ser um mito, pelo que não será impropriedade assassiná-la; esse crime, porém, teria de ser incluído na classe dos magnicídios, de que ainda não tratei.

Terceiro, a vítima escolhida deve gozar de boa saúde: porque é uma barbaridade matar gente achacada, pessoas que, em geral, mal se têm de pé. Seguindo-se este princípio ficam de fora todos os londrinos com mais de vinte e cinco anos, porque, acima desta

idade, pode ter-se a certeza de que sofrem de dispepsia. Mas se um indivíduo insistir em caçar nesta coutada deve matar aos dois de cada vez; se os londrinos escolhidos forem alfaiates, é seu dever, conforme uma equação há muito estabelecida, matar dezoito. Nesta preocupação pelo conforto dos doentes se pode ver, meus senhores, como o cultivo das artes suaviza e refina os sentimentos. As pessoas, em geral, são muito sanguinárias; tudo o que querem é copiosas efusões de sangue; a pompa e a ostentação lhes bastam. Mas um apreciador esclarecido tem gostos mais refinados, e, tanto na nossa arte como em todas as outras, o resultado é, quando cultivadas a preceito, aperfeiçoarem e humanizarem o coração; tão certo isto é que

«Ingenuas didicisse fideliter artes,
Emolit mores, nec sinit esse feros.»

Um filósofo meu amigo, bastante conhecido pela sua filantropia e bondade, sugere que a vítima escolhida deve ter filhos ainda de tenha idade, que deixará ao desamparo, tudo isto para carregar os tons da tragédia. O que, sem a menor dúvida, me parece judiciosa precaução. Mas não insistirei demasiado nesta premissa, imposta pelo Bom Gosto, pois que, embora se possam pôr objecções quanto ao moral e à saúde da vítima, não devo ser zeloso ao ponto de pôr restrições que teriam como efeito limitar a esfera de actuação do artista.

Já falei bastante sobre as vítimas. Quanto à hora, ao local, e aos utensílios, tenho muito a referir, tanto que me escasseia o tempo. O bom senso do praticante leva-o, na maior parte dos casos, a preferir a noite e a solidão. Quanto à hora escolhida, a morte de Mrs. Ruscombe, a que já me referi, constitui, no entanto, uma belíssima excepção; uma outra, em que se incluem tempo e lugar, vem relatada nos «Anais de Edimburgo» (1805), e é bem conhecida de todas as crianças daquela cidade, embora não tenha merecido o devido apreço por parte dos apreciadores. Refiro-me ao caso do porteiro de um Banco, assassinado, em pleno dia, ao virar para a Hight Street, uma das ruas mais concorridas da Europa, quando transportava um saco de dinheiro. E nunca se soube quem foi o assassino.

«Sed fugit inerea, fugit irreparabile tempus,
Singula dum capti circumvectamur amore.»

Para concluir, deixem-me declarar, meus senhores, mais uma vez, com toda a solenidade, que não possuo nenhum dos talentos exigidos aos profissionais. Nunca cometi um crime de morte em dias da minha vida, a não ser em 1801, quando matei um gato, o que, aliás, saiu muito diferente do que eu pretendia. A minha ideia era cometer um autêntico assassínio. «Semper ego auditor tantum?», disse eu, «nunquamne reponam?» E, à uma hora de uma noite bastante escura, desci as escadas em busca de «Tom», com o «animus» e, sem dúvida, o ar satânico dos assassinos. Mas dei com ele a esvaziar-me a despensa de pão e outras coisas, o que logo imprimiu um novo aspecto ao caso; estávamos numa época de grande escassez, em que um cristão se via reduzido a comer batatas com pão, arroz com pão, e todo o género de coisas. Era um autêntico acto de traição estar um gato a devorar um bom pedaço de pão de trigo, do modo como o fazia. O patriotismo impunha-se que desse morte ao depredador.

Ao cair-lhe em cima, brandindo a lâmina cintilante, senti-me Brutus a surgir de entre a multidão de patriotas; e, enquanto o acutilava

«...clamei alto o nome de Túlio,
E saudei, assim, o Pai da Pátria!»

Daí, quantas vezes me não deve ter passado pela cabeça a maravilhosa ideia de atentar contra a vida de uma ovelha ou de uma galinha carregadas de anos! Mas isso são coisas que eu guardo no íntimo do meu peito. Devo confessar, porém, que me não sinto dotado para as mais altas esferas da nossa arte. Não voa tão alto a minha ambição. Não, meus senhores, para usar as palavras de Horácio.

«...fungar vice cotis, actum
Reddere quae ferrum valet, excors ipsa secandi.»

(«Blackwood's Magazine», Nov. 1839)

Excelentíssimo Senhor Doutor Nort:

O senhor é um liberal no sentido clássico da palavra, não na gíria dos políticos modernos e dos traficantes da educação. Sendo assim, tenho a certeza de que o meu caso merecerá a sua simpatia. Sou um homem mal compreendido, o que, se me permite, tentarei explicar em poucas palavras. Terei de pôr a nu uma tenebrosa calúnia, mas o senhor, estou certo, fará com que tudo se esclareça. Basta um seu franzir de sobrolhos, dirigido a quem o mereça, ou um brandir de muleta para que eu seja logo aceite pela opinião pública que, de momento, e custa-me admiti-lo, me é extremamente hostil — tudo por causa das malas-artes dos caluniadores. Mas o melhor é contar tudo desde o princípio.

O senhor doutor deve estar lembrado de que, aqui há uns anos atrás, me tornei conhecido como «dilettante» em matéria de homicídios. «Dilettante» talvez seja um palavrão. «Connoisseur» deve ser mais indicado, em face dos escrúpulos e deficiências do gosto público. Acho, no entanto, que não há mal nenhum em tal interesse. Um homem não pode ser obrigado a esconder olhos, ouvidos e entendimento nas algibeiras dos calções, ao deparar-se-lhe um crime. Se não se achar em

estado comatoso, suponho que lhe será possível ver que, sob um ponto de vista estético, um crime de morte pode ser melhor ou pior do que outro. Os homicídios apresentam as suas pequenas diferenças e graduações quanto ao mérito, tal como as estátuas, os quadros, os retábulos, os camafeus, as obras de talha, etc. Pode criticar-se um homem por falar demais, ou diante de muita gente (com o que discordo, pois essa é a melhor maneira de lhe apurar o bom gosto), mas, seja como for, não se pode impedir que utilize a sua capacidade de pensar. E o senhor doutor, tenho a certeza, pensa não só correcta como profundamente sobre este assunto. Pois acontece que os meus vizinhos souberam todos do meu pequeno ensaio de estética, publicado nas páginas da sua revista; mas, por infelicidade, ao ouvirem falar no nome do Clube a que estou ligado, assim como de um jantar a que presidi — tendentes, um e outro, ao mesmo fim visado no ensaio, isto é, à difusão do Bom Gosto entre os súbditos de Sua Majestade, acontece que levantaram contra mim as mais bárbaras calúnias. Afirmaram, em especial, que eu, ou o Clube, o que vem a dar no mesmo, tinha oferecido prémios aos homicídios perfeitos — segundo uma tabela distribuída pelos amigos mais íntimos, e em que havia penalizações para os defeitos ou as falhas.

Mas eu vou contar-lhe toda a verdade sobre o tal jantar e o senhor doutor ficará, assim, a ver como as pessoas têm prazer em dizer mal.

Nunca matei ninguém em dias da minha vida. Todos os meus amigos sabem disso. Posso apresentar um certificado, cheio de assinaturas. Na verdade, e se o senhor doutor o achar necessário, duvido de que alguém

consiga apresentar um certificado maior do que o meu, o qual, pelo tamanho, mais pareceria uma toalha. Há, na verdade, um membro do clube que se atreve a afirmar que me surpreendeu, certa noite, a tomar demasiadas liberdades com a respectiva garganta, isto depois de toda a gente se ter ido embora. Mas o indivíduo, dada a sua falta de educação, deturpa muito o caso. Quando não quer ir longe demais, limita-se a dizer que me surpreendeu a olhar, de soslaio, para a garganta dele; e que, semanas depois, havia na minha voz aquela melancolia que, aos ouvidos de um conhecedor, soa como característica da «oportunidade perdida». Mas toda a gente no clube sabe que ele é que é um frustrado, pois, às vezes, se põe a falar, lastimosamente, sobre a fatal negligência de um indivíduo que saiu à rua sem os utensílios necessários. Além disso, tudo isto não passa de uma trica entre amadores, cuja gravidade e melindre todos se esforçam por minimizar. «Mas», dirá o senhor, «se o meu correspondente não é um assassino, deve ter incitado ou assalariado alguém para cometer um crime de morte.» Dou a minha palavra de honra de que nada disso se passou. Confesso, no entanto, que sou um homem com uma posição muito especial em tudo quanto respeita ao homicídio, e talvez leve demasiado longe o meu requinte. O Estagirita, muito justamente, tendo, talvez, o meu caso em vista, colocou a virtude no meio, bem no meio, entre dois extremos. A áurea mediania é, sem dúvida, tudo quanto os homens devem procurar. Mas é mais fácil falar do que fazer: e, sendo o meu mal a demasiada brandura de ânimo, é-me difícil manter uma linha divisória entre os dois pólos, muitos defeitos de um lado e tão poucos do outro. Sou demasiado brando, senhor doutor, dema-

siado brando; as pessoas desculpam-se comigo, sem que contra elas se cometa qualquer indesculpável atentado. Creio que, se me coubese o governo das coisas, dificilmente se daria um crime de morte de uma ponta a outra do ano. Sou, de facto, pela virtude, pela bondade e todos os sentimentos afins. Darei até dois exemplos dos extremos a que levo a minha virtude. O primeiro, poderá parecer uma ninharia, mas se conhecesse o meu sobrinho não pensaria assim. O destino dele será a forca, com toda a certeza. Muito ambicioso, tem-se por grande conhecedor na maior parte dos ramos da arte de matar, embora, na verdade, não possua a mais pequena ciência do assunto, a não ser o que conseguiu ir tirando de mim. É tão conhecido que foi, por duas vezes, rejeitado como membro do Clube, ainda que houvesse para com ele a maior indulgência por ser meu parente. Os sócios vinham ter comigo e diziam-me: «Creia, senhor presidente, que teríamos o maior gosto em sermos prestáveis a uma pessoa da sua família. Mas o senhor bem sabe que esse indivíduo seria a nossa desgraça. Se o aceitássemos como sócio, a primeira coisa que nos chegaria aos ouvidos seria a notícia de uma atroz carnificina, com que ele pretenderia justificar a nossa escolha. E que proeza seria? O senhor sabe, tão bem como nós, que havia de ser um caso extremamente desagradável mais próprio de um açougue que de um «atelier» de artista. Iria atirar-se a um latagão, um gigantesco lavrador regressado da feira. O sangue havia de correr a rodos, e seria isto que ele esperaria que nós levássemos em consideração, quanto a bom gosto, acabamento, arranjo cénico. E que utensílios empregaria? Um cutelo e duas pedras da calçada, por certo; pareceria mais um horrível

ogre ou um ciclope do que um requintado profissional do século XIX.» O quadro foi traçado pela mão da verdade, pelo que eu nada mais podia fazer do que concordar, e, fossem quais fossem os meus sentimentos pessoais, a primeira coisa que fiz foi pô-los de lado. Mas, na manhã do dia seguinte, tive uma conversa com o meu sobrinho — a minha situação era muito delicada, como pode calcular, mas estava decidido a que nenhuma consideração me induziria a desviar-me do meu dever. «João», disse-lhe eu, «parece-me que tens uma ideia muito errada da vida e das suas obrigações. Levado pela ambição, sonhas mais em tentar acções que julgas gloriosas do que em fazer aquilo que te é possível. Olha que um homem para ser respeitado não precisa de ter morto seja quem for. Muita gente tem passado por este mundo, cheia de respeitabilidade, sem, no entanto, ter cometido qualquer espécie de homicídio — bom, mau, ou assim assim. «Quid valeant humeri, quid ferre recusent?», nem todos podemos ser brilhantes na vida. E é muito melhor contentares-te com uma situação humilde, mas bem vivida, do que chocares toda a gente com os teus fracassos, mais evidentes ainda pela ostentação posta nos projectos.» Não me deu resposta, pareceu-me ter ficado de mau humor, na altura, e eu passei a acalentar a esperança de ter convencido um parente muito chegado de que seria tão grande tolice dedicar-se a coisas muito acima das suas possibilidades, como tentar escrever um poema épico. Mas há quem diga que ele anda a pensar numa vingança contra mim e todos os membros do Clube. Haja o que houver, «liberavi animam meam», que, como o senhor doutor vê, correu certos riscos ao querer diminuir o número de homicídios.

Mas o outro caso ilustra, melhor ainda, a minha virtude. Veio uma vez um homem oferecer-se para meu criado, numa altura em que eu estava a precisar. O fulano tinha fama de ter praticado um tanto a nossa arte; havia mesmo quem dissesse que com certo mérito, mas o que mais me espantou foi ele ter pensado que a aplicação desse talento faria parte das suas obrigações ao meu serviço. Era coisa que eu não podia admitir; por isso, lhe disse logo: «Ricardo (ou Jaime, tanto monta), você está enganado a meu respeito. Se um homem quiser praticar tão difícil e, permita-me acrescentar, perigoso ramo da arte, sendo um génio excepcional, tanto lhe faz seguir os seus estudos, estando ao meu serviço, como em qualquer outra casa. Devo, contudo, acrescentar que haverá vantagem, tanto para ele como para o «tema» escolhido, que o autor seja orientado por pessoas de gosto mais apurado do que o seu. O génio pode valer muito, mas o longo estudo das artes também habilita um homem a dar os seus conselhos sobre tal matéria. Tanto quanto me for possível, posso dar-lhe os princípios gerais. Mas quanto a casos particulares, fique assente, de uma vez para sempre, que nada tenho a ver com isso. Que lhe não passe pela cabeça vir falar-me da obra muito especial que traz em mente, pois serei, sempre, completamente contra. Basta que um homem seja condescendente para com um crime de morte, para logo se tornar tolerante para com o roubo, passando, a seguir, a beber e a não guardar os dias santos, para cair na maior falta de educação e no desmazelo. Basta-lhe dar o primeiro passo neste tão declivoso caminho para não saber aonde irá parar. A ruína de muitos homens começou por um ou outro crime de morte a que, na altura, talvez não

tenham dado grande importância. «Principiis obsta» — é o meu lema.»

Foi o que eu disse ao tal candidato a meu criado, e foi esta uma norma que nunca quebrei; se isto não é ser virtuoso, gostava então de saber o que é.

Mas passemos ao jantar e ao Clube. Este não foi criação minha; surgiu, como muitas agremiações congéneres, que se destinam a propagar a verdade e espalhar novas ideias, mais como uma necessidade que se impunha do que por sugestão de quem quer que fosse. Quanto ao jantar, e se houve um responsável, esse foi um sócio chamado Sapo-no-Buraco, alcunha que lhe demos por causa da sua melancólica misantropia, que o levou a menosprezar os homicídios modernos, considerando-os verdadeiros abortos, indignos de uma autêntica corrente artística. Tem sempre cínicos resmungos a opor às mais belas realizações do nosso tempo; e a tal ponto chegou o seu feitio quezilento e se tornou conhecido como um «laudator temporis acti», que as pessoas fazem tudo para evitar a companhia dele. Andava sempre de um lado para o outro a resmungar, as pessoas davam com ele a falar sozinho, insurgindo-se contra «esse reles cabotino, sem escola, sem o menor talento formal, sem...». A vida começou a tornar-se-lhe insuportável; pouco falava, parecia conversar com fantasmas, a governanta veio dizer-nos que as leituras dele se tinham limitado a «A Vingança do Deus sobre o Assassínio», de Reynolds, e a um livro mais antigo, com o mesmo título, obra a que se refere Sir Walter Scott no seu «Fortunes of Nigel». É possível que, uma vez por outra, lesse os calendários Newgate posteriores a 1788, mas quanto a livros mais recentes, nem pensar. Segundo ele, a Revolução Francesa foi a grande res-

ponsável pela degenerescência verificável nos crimes actuais. «Não tardará muito», costumava ele dizer, «que os homens esqueçam a arte de matar galinhas: tendo perdido os seus rudimentos!» Em 1811, Sapo-no-Buraco retirou-se do convivívio das pessoas, nunca mais aparecendo em qualquer reunião pública. Deixou de se ver nos sítios do costume. Ninguém dava com ele nos campos, nem nas matas. Era capaz de, ao meio-dia, estender o desmazelado físico junto ao colector principal e pôr-se a meditar na imundície que aí se juntaria. «Nem os cães já são o que eram, ou o que deveriam ser. Lembro-me de que no tempo do meu avô havia alguns que sabiam muito bem o que era um assassínio. Não consigo esquecer-me de um mastim que armou uma emboscada a um rival e deu cabo dele com requintes de bom gosto. Também conheci um gato assassino. Mas hoje em dia...» e, como o assunto começava a tornar-se penoso, batia na testa, afastando-se a toda a pressa para junto do seu esgoto favorito, onde foi visto por um amador em tal estado que este achou perigoso ir ter com ele. E Sapo-no-Buraco, pouco tempo depois, deixou de dar sinais de si; tendo chegado a constar que, não suportando a melancolia, decidira buscar a morte por suas próprias mãos enforcando-se.

Mas as pessoas enganavam-se, o que, aliás, acontece várias vezes com muitas outras coisas. Sapo-no-Buraco devia estar a dormir, mas lá morto é que não. Numa manhã de 1812, um amador trouxe-nos a surpreendente notícia de que vira Sapo-no-Buraco a romper por entre o orvalho da manhã, para se encontrar com um carteiro, junto ao tal colector. Isto já era alguma coisa, mas mais ainda foi ouvir dizer que cortara

a barba, pusera de lado os trajes de cor austera e se vestia à maneira dos noivos dos tempos que já lá vão. Mas que significaria tudo isso? Teria enlouquecido, ou quê? Mas, em breve, se esclareceu o mistério, quando, três dias depois, os jornais londrinos da manhã trouxeram a notícia de que se dera um crime, o mais notável do século, sob muitos pontos de vista, em pleno coração da capital. Não será preciso dizer que me refiro à «chef-d'oeuvre» de Williams, levada a cabo em casa de Mr. Marr, no n.º 29 de Ratcliffe Highway. Foi o «début» do artista, que se saiba. O que, doze noites depois, aconteceu em casa de Mr. Williamson — o segundo trabalho saído do mesmo cinzel — foi considerado superior, por muita gente. Sapo-no-Buraco protestou sempre. «Esse vulgar «gout de comparaison», como lhe chamava La Bruyère, será a nossa ruína; cada obra tem as características próprias com nenhuma outra podendo ser comparada. Uma delas poderá, talvez, fazer lembrar a «Ilíada», a outra a «Odisseia» — mas o que é que se ganha com tais comparações? Nada. Depois de uma discussão de quatro horas, fica-se como quando se começou.» Embora seja vã toda a crítica, Sapo-no-Buraco, no entanto, afirmava, muitas vezes, que se deviam escrever livros sobre cada um dos casos, chegando mesmo a propor-se publicar uma obra sobre o assunto. Uma coisa em grande.

Mas como é que Sapo-no-Buraco conseguiu ter notícia daquela obra de arte, de manhã tão cedo? Porque recebera um relatório «expresso», enviado por um seu correspondente, encarregado de lhe dar notícias do que fosse acontecendo no campo artístico que lhe interessava, com o encargo de as mandar por um mensageiro, fosse a que preço

fosse, no caso de surgirem obras de certo mérito — o que não aconteceria, pois, diante de um «nec plus ultra»! O mensageiro chegara à noite; Sapo-no-Buraco já estava deitado; estivera a resmungar durante horas e horas, mas, claro, foram-no chamar. Ao ler o relatório, abraçou o carteiro, chamando-lhe seu irmão e salvador; estabeleceu-lhe uma tença por três vidas, lamentando não ter poderes para lhe dar o título de cavaleiro. Nós, por nosso lado — nós os amadores, quero eu dizer — ao chegar-nos a notícia de que afinal Sapo-no-Buraco não se tinha enforcado, ficámos logo à espera da sua visita. E não tardou a aparecer; deu uma palmada nas costas do porteiro, enquanto se dirigia para a sala de leitura, apertou, com vigor, a mão de quantos lhe apareceram pela frente, sempre a atirar frases como esta: «Isto agora sim, isto é que é um homicídio, dos autênticos, genuínos, dignos de aprovação, de serem recomendados a um amigo; quem se quiser dar ao trabalho de pensar um bocado terá de concluir que assim é que é!» Dirigindo-se aos amigos mais íntimos, disparava-lhes: «Então, Jack, como vai isso?» «E tu, Tom? Assim Deus me salve em como me pareces dez anos mais novo do que da última vez que te vi.» «Não senhor», respondi eu, «tu é que pareces ter remoçado dez anos.» «Pareço? Pois não me admira; obras como estas bastam para nos rejuvenescerem.» De facto, a opinião geral é que Sapo-no-Buraco deveria ter morrido, mas só para poder assistir, ressuscitado, a esta regeneração da nossa arte, a que ele chamava uma segunda época de Leão X. Tínhamos a obrigação de comemorar o acontecimento. Para já, e «en attendant» — mais como manifestação de simpatia do que propriamente como testemunho da exacta

medida do nosso interesse — Sapo-no-Buraco propôs que nos reuníssemos todos num jantar. Foi um banquete esplêndido, oferecido pelo Clube. Convidaram-se todos os amadores conhecidos, num raio de cem milhas.

Temos nos nossos arquivos amplas notas recolhidas, estenograficamente, durante o jantar, mas não são «extensivas», isto para falar diplomaticamente; e o estenógrafo desapareceu — creio que assassinado. Anos depois, por ocasião de um acontecimento igualmente importante — os tugues e o tuguismo — o Clube decidiu oferecer outro jantar. As notas, desta vez, foram tiradas por mim, para que se não desse outro acidente com o estenógrafo. Seguem junto a esta. Devo dizer que Sapo-no-Buraco também esteve presente, em mais uma das suas manifestações sentimentais. Se, por alturas do jantar de 1812, já ele era tão velho como a Sé de Cantuária, o que não seria em 1838, aquando do jantar oferecido por intenção dos tugues! Deixara crescer de novo a barba, porquê ou com que intenção, não sei dizer. Tinha um ar mais bondoso e venerável. Nada se podia comparar à angélica radiação do seu sorriso quando, inquirido pelo corregedor-adjunto do nosso condado sobre o infeliz estenógrafo (cuja morte, confesso-o aqui à puridade, parece ter sido obra de Sapo-no-Buraco) respondeu — «non est inventus». Sapo-no-Buraco riu-se provocadoramente, mas é opinião de todos nós que ele devia ter-se sentido um tanto comprometido. A insistente pedido dos sócios, logo um compositor escreveu uma belíssima canção inspirada no caso, que foi cantada cinco vezes depois do jantar, com agrado geral e inextinguível gáudio. A letra (em que o coro imitava, com muita graça,

as tão características risadas de Sapo-no--Buraco) era a seguinte:

«Et interrogatum est ad Sapo-no-Buraco — Ubi est ille reporter?
Et responsum est cum cachinno — Non est inventus.»

Coro

«Deinde iteratum est ab omnibus, cum cachinnatine undulante — Non est inventus.»

Não devo deixar passar em claro que, uns nove anos antes, ao ter conhecimento, por um mensageiro, da arte revolucionária de Burke e Hare ([1]), Sapo-no-Buraco perdera a cabeça, querendo, logo ali, esganar o pobre estafeta, em vez de lhe oferecer uma pensão vitalícia ou o grau de cavaleiro — motivo por que teve de ser metido num colete de forças e razão também para daquela vez não termos organizado um jantar. Mas agora estávamos todos presentes, cheios de entusiasmo, e nem os condenados a colete de forças deixaram de comparecer. Havia, também, muitos amadores estrangeiros.

Findo o jantar e levantada a mesa, começou toda a gente a pedir que se cantasse o

([1]) Burke e Hare foram assassinos e profanadores de cadáveres. Atraíam as pessoas à casa de hóspedes do último, para as matar e venderem depois os cadáveres ao Dr. Robert Knox, que se dedicava a estudos de anatomia. A partir de Novembro de 1827, e num período de doze meses, assassinaram quinze pessoas, pelo menos. Hare depôs contra o seu cúmplice e Burke foi enforcado em Janeiro de 1829. Hare, supõe-se, morreu em Londres, trinta anos depois, cego e miserável. Os assassinos embebedavam as vítimas, para depois as matarem por sufocação.» — (**N. do T.**).

«Non est inventus», mas como isso poderia prejudicar a gravidade exigida durante os primeiros brindes, indeferi o pedido. Depois dos, por assim dizer, clássicos nacionais, surgiu o primeiro brinde oficial do dia — pelo Velho da Montanha — bebido no mais solene dos silêncios.

Sapo-no-Buraco agradeceu num primoroso discurso. Comparou-se, em breves alusões, ao Velho da Montanha, o que pôs os presentes perdidos de riso; e rematou com uma homenagem ao senhor von Hammer, com muitos agradecimentos pelos seus estudos sobre o Velho da Montanha e os assassinos seus súbditos.

A seguir, levantei-me eu para afirmar que a maior parte dos presentes sabia do honroso lugar conferido pelos orientalistas aos trabalhos do austríaco von Hammer, tão versado na cultura turca; falei de como ele fizera as mais profundas investigações sobre temas da nossa arte, relacionados com a actividade dos tão eminentes artistas que foram os primeiros assassinos sírios, na época das cruzadas: recordei que a sua obra estivera, durante anos, depositada na biblioteca do Clube, como raríssimo tesouro artístico que é. Até o próprio nome do autor o predestinava a dedicar-se a estudos relacionados com a nossa arte — von Hammer ([1]).

— Sim, sim — interrompeu Sapo-no-Buraco, incapaz de estar calado. — Von Hammer pode ser um «malleus haereticorum»: é conhecedor da nossa arte e muito capaz de malhar as vossas heresias em tal campo. Toda a gente sabe do valor que Williams dava ao martelo, ou ao maço de carpinteiro naval, o

([1]) Hammer significa martelo. — (**N. do T.**)

que vem a dar no mesmo. Mas temos ainda um outro Martelo a exaltar — Carlos Martelo, o Marteau, ou Martel, em francês arcaico. Tanto malhou nos sarracenos que os pôs mudos como pregos de aldraba. Podem ter a certeza de que é verdade.

— Brindemos, pois, ao grande Carlos Martel, digno de todas as homenagens!

A explosão de entusiasmo de Sapo-no-Buraco, aliada aos ruidosos brindes pelo avô de Carlos Magno, pôs toda a gente fora de si. Pediu-se, em altos gritos, que a orquestra se fizesse ouvir na nova canção. Fiz os maiores esforços para dominar os acontecimentos, mas era como se estivesse a falar para as paredes. Íamos ter uma noite tempestuosa; reforcei-me com três criados à minha direita e outros tantos à esquerda; o mesmo fez o nosso vice-presidente. Cada vez se tornavam mais nítidos os sintomas de um entusiasmo desenfreado; eu próprio me senti tremendamente excitado quando a orquestra deu início à sua trovoada musical e a veemente canção começou:

«Et interrogatum est ad Sapo-no-Buraco —
Ubi est ille reporter?»

O entusiasmo tornou-se convulsivo quando chegou a vez de o coro atirar o seu:

«Et iteratum est ab omnibus — Non est inventus.»

Via-se, pelo modo como as coisas iam, que o vinho e a música estavam a transformar a maior parte dos amadores em autênticos selvagens. Sapo-no-Buraco muito em especial, pois, embora tivesse para cima de cem anos, parecia tão perverso como um cachorro de

leopardo. Os presentes suspeitavam de que fora ele quem, em 1812, matara o estenógrafo; desde então, isto é, de há vinte anos para cá, «ille reporter» era considerado como «non inventus». Daí que a canção nele inspirada, já de si tumultuosa e exaltante, o fizesse perder as estribeiras.

Tal como as famosas canções corais dos habitantes de Abdera, era impossível ouvir aquela sem nos deixarmos vencer pelo desejo de entoar o «Et interrogatum est ad Sapo-no-Buraco», etc. Confiei a vigilância aos meus assessores, e prossegui com a sessão.

O brinde seguinte foi — «Pelos sicários judeus», sobre os quais proferi as seguintes palavras: — «Meus senhores, tenho a certeza de que a todos interessará saber que os antecessores dos Assassinos viveram na mesma região destes. Existiu, espalhado por toda a Síria, mas especialmente na Palestina, e durante os primeiros anos do imperador Nero, um bando de homicidas, que executavam as suas obras de maneira muito original. Não agiam à noite, ou em lugares solitários; como achavam que as multidões são, só por si, uma espécie de escuridão, dado o aperto e a impossibilidade de saber quem deu a punhalada, misturavam-se com elas, especialmente na altura das grandes festas da Páscoa, em Jerusalém, chegando à audácia de, como conta Flávio Josefa, actuarem no Templo — e que melhor vítima poderiam escolher do que o próprio Jónatas, Pontifex Maximus? Mataram-no, meus senhores, com tanta facilidade como se o tivessem assaltado num escuro descampado, e numa noite sem lua. E quando se perguntava quem teria sido o assassino, e onde se encontraria...»

— A resposta era «non est inventus» — atalhou Sapo-no-Buraco.

Por mais que eu fizesse ou dissesse, a orquestra atacou, e toda a gente se pôs a cantar:

«Et interrogatum est ad Sapo-no-Buraco — Ubi est ille Sicarius?
Et responsum est ab omnibus — Non est inventus.»

Só quando o coro se calou me foi possível recomeçar:

— Flávio Josefo deixou-nos, meus senhores, circunstanciada notícia das actividades dos sicários, em três partes diferentes da sua obra; a primeira, no Livro XX, parág. V. cap. 8, das suas «Antiguidades»; a segunda, no Livro I das suas «Guerras»; mas no parág. X, do capítulo acima citado, podereis encontrar uma descrição dos instrumentos por eles utilizados. Aí se pode ler: «Usavam pequenas cimitarras, pouco diferentes das «acinacae» persas, mas mais recurvas, muito parecidas com as «sicae», as foices romanas.» Mas é uma autêntica maravilha ouvir, meus senhores, o resto da história. Se alguma vez houve um exército regular formado por assassinos, um «justus exercitus», esse foi o caso dos sicários. Chegaram a atingir tal força, no deserto onde se acoitavam, que o próprio Festus se viu obrigado a marchar contra eles com as legiões romanas.

Nesta altura, Sapo-no-Buraco, o maldito interrompedor, desatou a cantar:

«Et interrogatum est ad Sapo-no-Buraco — Ubi est ille exercitus?
Et responsum est ab omnibus — Non est inventus.»

— Não, não, desta vez está enganado: o exército dos sicários foi surpreendido no deserto e ali feito em postas. Que sublime quadro, meus senhores! As legiões romanas, o deserto, Jerusalém ao longe, um exército de assassinos em primeiro plano!

O senhor R., membro do Clube, propôs o brinde seguinte:

— Pelos progressos verificados nos instrumentos homicidas, com um voto de agradecimento à Comissão pelos serviços prestados.

O senhor L. agradeceu em nome daquela, lendo, a seguir, um interessante extracto do relatório, pelo qual se via como grande importância fora dada, pelos gregos e romanos, aos instrumentos do crime. A confirmar facto tão agradável, o senhor L. fez uma admirável exposição, em que se referiu à arte, nos tempos anteriores ao dilúvio. Mersenne, o doutíssimo católico romano, na página mil quatrocentas e trinta e uma [1] do seu operoso «Comentário ao Génesis», menciona, baseado na autoridade de diversos rabinos, que a disputa entre Caim e Abel foi por causa de uma rapariga; que, segundo algumas versões, Caim recorreu à dentada (Abelem fuisse **morsibus** dilaceratum ad Cain), afirmando-se noutras que o assassino utilizou a queixada de um burro, utensílio este adoptado por muitos pintores. Mas é extremamente agradável às almas sensíveis saber que, conforme a ciência foi progredindo, também começaram a aparecer pontos de vista mais ortodoxos. Há um autor que afirma ter sido uma forquilha, S. Crisóstomo diz que foi como uma espada, Ireneu

---

[1] «Na página mil quatrocentas e trinta e uma», e, creia, caríssimo leitor, que não gracejo.

garante que foi com uma gadanha, e Prudêncio refere-se a um podão. Este último autor dá-nos a sua opinião nestes termos:

«Frater, probatae sanctitatis aemulus,
Germana curvo colla frangit sarculo.»

Isto é, Caim, por inveja da santidade de Abel, degolou-o com um recurvo podão. «Tudo isto é respeitosamente exposto pela comissão que elaborou o relatório, não porque seja decisivo (que não é), mas para fazer ver aos mais novos a importância dada à qualidade dos instrumentos por homens como Crisóstomo e Ireneu.»

— Ah, grande Ireneu! — atalhou, então, Sapo-no-Buraco, ansioso por propor novo brinde. — Pelos nossos amigos irlandeses e por um rápido progresso nos instrumentos por eles utilizados, assim como em tudo o que respeita à arte!

— Devo dizer-lhes, meus senhores, toda a verdade. Sempre que pegamos num jornal e começamos a ler a notícia de um crime, comentamos: — «Aqui está um dos bons, com o seu encanto e a sua qualidade.» Mas, reparem, logo umas linhas abaixo, vêm as palavras Tipperary ou Ballina qualquer coisa denunciando a manufactura irlandesa. Sentimo-nos logo desgostosos, chamamos pelo criado e ordenamos-lhe: — «Rapaz, leva daqui este pasquim, deita-o fora, porque é ofensivo do bom gosto.» Pergunto às pessoas se, ao descobrirem que um assassino, bastante prometedor, por vezes, é de origem irlandesa se não sentem insultadas como quando pedem «Madeira» e lhes é servido vinho do Cabo, ou quando apanham um cogumelo que parece comestível e ele, afinal, é venenoso. Questões de terras, de política, há sempre qualquer

coisa a adulterar os crimes irlandeses. Mas isto, meus senhores, tem de mudar, ou a Irlanda torna-se um país onde se não pode viver; se formos forçados a lá viver, é mais do que evidente que teremos de importar todos os nossos assassínios.

Sapo-no-Buraco sentou-se, a resmungar, mal reprimindo a cólera, e os gritos de «apoiado, apoiado», demonstraram bem que exprimira o sentimento geral.

O brinde a seguir foi:

— Pelo sublime período do burkismo e do harismo!

Correspondeu-se, bebendo com entusiasmo; um dos presentes, que falou sobre o tema, fez uma comunicação de muito interesse.

— Consideramos, meus senhores, o burkismo uma autêntica criação da nossa época; de facto, o próprio Pancirollus não se referiu a este ramo da nossa arte, ao escrever «de rebus deperditis». Embora tenha averiguado que os princípios essenciais já eram conhecidos pelos antigos, tal como a pintura sobre vidro, ou o fabrico de taças de mirra, etc., a técnica havia-se perdido nas épocas de obscurantismo, por falta de incentivo. Na famosa colectânea de epigramas gregos, devida a Planudes, fala-se num pequeno e maravilhoso caso de burkismo, que é uma autêntica jóia artística. Não tenho o epigrama à mão, mas o que se segue é uma referência ao mesmo feita por Salmasius, nas suas notas sobre Vopicus: «Est et elegans epigramma Lucilii ubi medicus et pollinctor de compacto sic egerunt, ut medicus aegros omnes curae commissos occideret» — Segundo o contrato, o médico devia matar todos os doentes que lhe fossem confiados. Mas porquê? Aqui é que está a beleza do caso. «Et ut pollinctori amico suo traderet polligendos.» O «pollinctor»,

como sabem, era o indivíduo encarregado de vestir e preparar os mortos para o funeral. Parece-nos que o contrato assentava em bases sentimentais. — «Era meu amigo, estimava-o muito», diz o médico ao falar do «pollinctor». Mas a lei, meus senhores, é rígida e severa, não atende a razões desta ordem. Para ela, o contrato deveria ter outra motivação. E qual seria? Havia uma e inteiramente favorável ao «pollinctor»: seria bem pago pelos seus serviços, enquanto o médico, generoso e nobre, nada receberia por isso. Mas, afinal, que incentivo encontraria a lei para o procedimento do médico? Ora ouçam: «Et ut pollinctor vicissim quos furabatur de pollinctione mortuorum medico mitteret donis ad alliganda vulnera eorum quos curabat.» E tudo se esclarece: havia aqui uma certa reciprocidade que manteria o acordo, para sempre. O médico era também cirurgião: não podia matar todos os seus pacientes, alguns tinha ele de salvar. Precisava por isso de ligaduras de linho. Mas, infelizmente, os romanos vestiam-se de lã, pelo que se lavavam tantas vezes. Havia, no entanto, pano de linho em Roma, mas custava os olhos da cara, e as «telamones» ou faixas de linho, com que a superstição obrigava a ligar os defuntos, serviam às mil maravilhas. Daí o médico ter feito um contrato com o amigo: fornecer-lhe os cadáveres, desde que este lhe desse, em troca, metade do material que recebesse para tratar dos mortos ou «candidatos» a isso. O esculápio recomendava sempre os serviços do seu amigo «pollinctor» (a que chamaremos cangalheiro) enquanto este, por sua vez, em atenção aos sagrados deveres da amizade, encaminharia os doentes para o dito médico. Como Orestes e Pílades, eram um modelo de perfeita amizade: deram-se maravilhosamente

em vida e, mesmo na forca, é de crer que nunca tenham sido separados. Só o pensar nos dois amigos a fazerem contas um com o outro me dá, meus senhores, vontade de rir: «Pollinctor é devedor ao médico por dezasseis cadáveres, e tem um crédito de quarenta e cinco ligaduras, duas delas em mau estado.» Infelizmente, a história não lhes fixou os nomes; suponho, porém, que se chamariam Quintus Burkius e Publius Harius. A propósito, meus senhores, têm ouvido falar ultimamente de Hare? Ouvi dizer que vive, com todo o conforto, na Irlanda, lá muito para o Oeste, fazendo, de vez em quando, o seu negociozito; mas, como ele próprio observa com um suspiro, não passa agora de um retalhista — nada que se compare com a florescente venda por grosso a que, tão despreocupadamente, se dedicava em Edimburgo. É o que acontece quando se não zela um negócio como deve ser — esta a moral da história, a «epimution», como diria Esopo, extraindo-a da sua própria experiência.

E surgiu, por fim, o brinde da noite:

— Pelo tuguismo, em todas as suas ramificações.

Não têm conta as tentativas de discurso nesta altura do jantar. Mas os aplausos eram tão vibrantes, a música tão ruidosa e o estilhaçar das taças tão contínuo — dada a decisão geral de não voltar a utilizá-las num brinde inferior — que se me torna impossível descrever a cena. Além disso, já ninguém tinha mão em Sapo-no-Buraco. Começou a dar tiros de pistola em todas as direcções; mandou o criado ir buscar um bacamarte, e começou a falar em o carregar de cartuchos. Ficámos a pensar que lhe voltara a loucura ao ouvir falar em Burke e Hare; ou que, cansado, outra vez, da vida, se decidira a ir desta para melhor, no

meio de um massacre geral. E isto era coisa que não podíamos admitir: tornou-se, portanto, necessário correr com ele a pontapés, o que fizemos de comum acordo, agindo todos «uno pede», apesar de muito nos impressionarem os seus cabelos brancos e o sorriso angélico. Durante a operação, a orquestra começou a tocar a velha copla. Toda a gente a acompanhou e (o que nos surpreendeu mais do que tudo) Sapo-no-Buraco juntou-se ao coro, entoando com toda a fúria:

«Et interrogatum est ab omnibus — Ubi est ille Sapo-no-Buraco?
Et responsum est ab omnibus — Non est inventus.»

OS ASSASSÍNIOS DE RATCLIFFE

Pós-escrito ao ensaio «Do assassínio como uma das Belas-Artes».

Nunca, ao longo dos anais da cristandade, se haviam dado ali crimes tão horrorosos como os de um tal John Williams, que, isolado, senhor de terrífico poder sobre os corações humanos, conseguira, durante o Inverno de 1812, e numa hora apenas, destruir dois lares, exterminando duas famílias, numa demonstração da sua superioridade sobre todos os filhos de Caim. É de todo em todo impossível descrever o amálgama de emoções que, durante os quinze dias seguintes, se apoderou do coração das gentes. Se o delírio do horror dominou algumas delas, foi o delírio do pânico a avassalar outras tantas. Durante doze dias, sob a infundada convicção de que o desconhecido assassino abandonara Londres, o terror que convulsionara a poderosa metrópole estendera-se a toda a ilha. Estava eu, nessa altura, a umas trezentas milhas da capital, mas também aí, como, aliás, por toda a parte, o pânico era indescritível. Uma senhora minha vizinha e conhecida, que, na ausência do marido, vivia com alguns criados numa casa verdadeiramente solitária, nunca se deitava sem ter cerrado dezoito portas com pesadas fechaduras, trancas e correntes, dezoito portas essas que se interpunham entre

o seu quarto de dormir e qualquer assaltante de casa alheia. Foi ela quem mo disse e, além disso, tive a oportunidade de o testemunhar pessoalmente. Chegar à sua sala de visitas era como avançar com uma bandeira de tréguas para uma fortaleza sitiada. Mas o terror não se limitava aos ricos; houve mulheres da mais humilde condição que morreram de susto ao pressentirem suspeitas tentativas feitas pelos vagabundos para lhes entrarem em casa. Não passariam de ratoneiros, mas as pobres mulheres, influenciadas pelos jornais de Londres, supunham, logo, que se tratava do terrível assassino. Entretanto, o solitário artista, que se deixara ficar mesmo no coração da capital, fiado na sua própria grandeza, como um Átila doméstico, um «flagelo de Deus», esse homem, que só saía à noite e optara pelo crime (como depois se soube) para ter pão, roupas e conseguir subir na vida, preparava, em silêncio, uma resposta eficaz aos jornais; e no décimo segundo dia depois do crime de estreia, ei-lo a assinalar a sua presença em Londres, numa prova de que era absurdo atribuírem-lhe tão rústicas propensões, cometendo segundo golpe, em que dizimou outra família inteira. Diminuiu o pânico na província, ante esta prova de que o assassino não condescendia em se ir esconder no campo, ou a abandonar, um momento que fosse, a imensa metrópole, «castra stativa» dos crimes gigantescos, e se mantivera junto às margens do Tamisa. De facto, o grande artista desdenhava uma reputação provinciana e deve ter considerado caricata desproporção o contraste entre o meio rural e uma obra da sua lavra, mais duradoura do que o bronze — uma «ktema es aei» — que deveria possuir grandes qualidades para a admitir como saída do seu próprio estúdio.

Coleridge, com quem me encontrei uns meses depois de tão terríficos crimes, disse-me que, embora vivesse em Londres na altura, não participou do pânico reinante; que o mesmo só o tinha afectado como filósofo, lançando-o numa profunda divagação sobre o tremendo poder que se oferece, num momento, a quem consiga vencer todas as restrições da consciência, sendo, ao mesmo tempo, extremamente corajoso. Embora não tivesse tido parte no pânico geral, Coleridge não o considerou completamente desarrazoado, pois, como me disse, existem nesta imensa metrópole muitos milhares de lares, constituídos apenas por mulheres e crianças; muitos outros milhares ainda têm de confiar a sua incolumidade, durante a noite, tão longa, à discrição de uma jovem criada, e se esta for iludida com um falso recado da mãe, da irmã, ou do mais-que-tudo, lá se vai, num segundo, a segurança da casa. Foi por isso que, nessa época, e durante muitos meses, se manteve o costume de aplicar correntes às portas, antes de as abrir, sistema esse que serviu, por muito tempo, para assinalar a profunda impressão causada por Williams, em toda a cidade de Londres. Devo acrescentar que Southey, que, nessa altura, se deteve a analisar as reacções populares, me afirmou, uma semana ou duas depois do primeiro morticínio, que só acontecimentos particulares como aquele chegam a ascender à dignidade de casos nacionais. Mas agora que já preparei o leitor para apreciar, à devida escala, este tremendo encadeamento de crimes de morte (dos quais, por terem ocorrido há quarenta e dois anos, só um por cento das pessoas poderá ter notícia exacta), deixem-me que os passe a relatar em todos os seus pormenores.

Primeiro, e antes de mais nada, uma palavra sobre o local que foi cena dos crimes. Ratcliffe Highway é uma via pública do mais caótico bairro da zona oriental, ou marítima, de Londres, um bairro extremamente perigoso numa época em que (estava-se em 1812) mal havia policiamento, contando-se apenas com os detectives da Bow Street, admiráveis no seu campo de actividade, mas em número insuficiente para uma vigilância adequada a toda a cidade. A terça parte, pelo menos, dos moradores do bairro era constituída por estrangeiros. Topava-se, a cada passo, com indianos, chineses, mouros e negros. E, além dos inúmeros rufiões escondidos sob o amálgama de chapéus ostentados por homens do mais obscuro passado, indecifrável para qualquer europeu, sabe-se muito bem que a marinha (especialmente a mercante, em tempo de guerra) é seguro valhacouto de todos os assassinos e malandros cujos crimes os tenham forçado a desaparecer, temporariamente, de circulação. É verdade que alguns desses homens podem ser hábeis marinheiros, mas em todas as épocas e, em especial, durante as guerras, só uma ínfima proporção (ou «nucleus») dos tripulantes é constituída por pessoas assim: a grande maioria é de gente da terra firme, sem preparação náutica de espécie alguma. John Williams, que, por várias vezes, se alistara como tripulante de diversos navios da carreira da Índia, etc., devia ser um marinheiro competente. Desembaraçado e hábil, fértil em recursos, diante das mais imprevistas dificuldades, era senhor de grande capacidade de adaptação a qualquer género de vida. De estatura meã (cinco pés e sete polegadas e meia, ou oito, de altura) era de compleição delgada, a tender para o magro, mas vigoroso, razoavelmente musculado,

sem carnes supérfluas. Uma senhora que o viu ser examinado (creio que foi no posto de polícia do Tamisa) garantiu-me que os cabelos do assassino eram de uma cor bastante rara e intensa, um amarelo muito vivo, qualquer coisa entre o laranja e o limão. Williams tinha estado na Índia, especialmente em Bengala e Madrasta, mas também passara para lá do Indo. Ora toda a gente sabe que no Punjab os cavalos de raça são, muitas vezes, pintados de carmesim, azul, verde, púrpura, pelo que me veio à ideia que Williams poderia, com a intenção de se disfarçar, ter trazido tal processo de Sinde e Lahore, de modo que a cor dos seus cabelos talvez não fosse natural. Sob outros aspectos, porém, a sua aparência nada tinha de insólito; e, a julgar pela máscara em gesso que me foi dado adquirir em Londres, devo dizer que a sua estrutura facial nada tinha de invulgar. Mas algo havia nele a denunciar o temperamento de besta-fera: o rosto exangue e cadavérico.

— Era de pensar — admitiu a minha informadora — que naquelas veias não corria sangue vermelho, capaz de lhe abrasar o rosto de vergonha, raiva, ou piedade; mas uma linfa verde que não brotasse de coração humano.

Todo o seu ar devia ser repulsivo, mas verdade é, também, que tanto as afirmações de muitas testemunhas, como a silenciosa prova dos factos, acordam em que a untuosidade e repentina insinuação do seu modo de agir contrabalançavam quanto de repelente havia naquele rosto, contribuindo para o seu êxito junto de algumas jovens inexperientes. Uma moça bastante gentil que Williams, sem dúvida, tencionava matar, declarou que, estando certa vez sozinha com ele, o assassino lhe dissera:

— Pois suponha agora, Miss R., que eu aparecia, perto da meia-noite, junto da sua cama, com uma grande faca na mão. O que é que você diria?

— Oh, Mr. Williams, — respondera a confiada jovem — se fosse outra pessoa qualquer, assustava-me. Mas mal ouvisse a sua voz, ficava logo tranquila.

Pobre pequena; tivesse o esboço de Mr. Williams sido levado a cabo e ela teria visto naquele rosto cadavérico, percebido naquela sinistra voz, algo que lhe perturbaria, para sempre, a tranquilidade. Mas não bastaria uma dessas pequenas, mas terríveis, experiências para desmascarar Mr. John Williams.

Numa noite de sábado do mês de Dezembro, rompia Mr. Williams, que podemos supor já ter feito o seu «coup-d'essai», por entre a gente que se aglomerava nas ruas, decidido a levar a cabo o seu grande projecto. Dizer para ele era fazer. E dissera, nessa mesma noite, de si para si, que chegara a altura de executar a obra cujo esboço há muito tinha traçado, trabalho que, uma vez acabado, provocaria, no dia seguinte, grande consternação por toda a cidade, do centro até à periferia. Alguém lembraria, mais tarde, que Mr. Williams saíra de casa, para aquele seu vaguear nocturno, por volta das onze, não porque tencionasse começar assim tão cedo, mas por precisar de fazer os seus reconhecimentos. Trazia os apetrechos necessários bem guardados debaixo do amplo sobretudo. Em harmonia com a delicadeza do seu trato e a sua polida aversão à brutalidade, as suas maneiras caracterizavam-se, segundo toda a gente, por uma raríssima suavidade: um coração de tigre, escondido sob o mais insinuante

e enganador refinamento. Todas as pessoas que o conheceram nos descreveram depois a sua capacidade de dissimulação como tão rápida e perfeita, que se, ao romper pelas ruas, sempre tão cheias de gente numa noite de sábado e numa zona tão pobre como aquela, tivesse sem querer acotovelado alguém, era pessoa para parar e apresentar as mais polidas desculpas. Com o satânico coração a latejar de infernais propósitos, era ainda capaz de parar para exprimir a esperança de que o enorme malho de carpinteiro que trazia escondido debaixo do elegante sobretudo, com vista a um negociozito que iria arrumar aí uns noventa minutos depois, não teria magoado o estranho com quem chocara. Ticiano, suponho eu, Rubens, tenho toda a certeza, e Van Dycke, possivelmente, tinham o hábito de se vestir de ponto em branco antes de darem início a uma obra: punhos e golas de renda, cabeleira postiça, e espada de punho cravejado de diamantes; Mr. Williams, há todas as razões para crer, quando saía para um dos seus grandes massacres, um dos seus trabalhos de grande composição (noutro sentido poderia aplicar-se aqui o oxoniano «saindo como um grande compositor») calçava sempre meias pretas, de seda, e escarpins; de modo algum iria ele degradar a sua posição como artista, enfiando uma bata. Aquando da sua segunda actuação, o homem que, sob as mortais agonias do medo, foi forçado a ser (como o leitor mais adiante verá) o único espectador de tamanha atrocidade, não deixou de reparar que Mr. Williams trazia um sobretudo azul, da melhor fazenda, com belo forro de seda. Entre as histórias que circularam sobre ele, também se disse, na altura, que Mr. Williams recorria aos serviços do melhor dos dentistas, assim

como à melhor das manicuras. É que não era homem para dar o seu patrocínio a capacidades profissionais de segunda categoria. E não haja a menor dúvida de que deve ter sido o mais aristocrático e meticuloso dos artistas, na perigosa actividade a que se dedicava.

Mas quem seria a vítima para cuja residência se apressava? Não seria indiscreto ao ponto de fazer um cruzeiro sem norte, à procura de uma vítima ocasional. Oh, não: tinha-a escolhido uns tempos antes e era, por sinal, um amigo muito íntimo. Parece que seguia a norma de não haver melhor alvo do que um amigo, embora, na falta dele, que é artigo sempre difícil de encomendar, também servisse uma pessoa apenas conhecida. Porque, em qualquer dos casos, a sua aproximação não provocaria suspeitas, ao passo que um estranho poderia alarmar-se, descobrir na expressão do criminoso algo que o levasse a precatar-se. No presente caso, porém, supõe--se que a vítima escolhida possuía ambas aquelas características: tinham sido, a princípio, grandes amigos, mas depois, por qualquer motivo, haviam-se tomado de inimizade. Ou, como houve quem afirmasse, com muitas probabilidades de acertar, com o tempo, tais sentimentos haviam dado lugar a algo que já não era amizade nem rancor. Chamava-se Marr o infeliz que (na qualidade de amigo ou não) fora escolhido para vítima dessa noite de sábado. E, segundo a história que correu, na altura, sobre as relações entre ambos, história essa que pode ser verdadeira ou falsa, mas nunca foi oficialmente refutada, tinham os dois viajado no mesmo navio, rumo a Calcutá, e tido uma discussão no mar. Mas há ainda uma outra versão: a disputa havia tido lugar depois da viagem, por causa da

futura Mrs. Marr, uma linda jovem que fizera nascer entre os seus pretendentes uma grande rivalidade, rivalidade essa que se transformara no mais profundo dos ódios. Há diversas circunstâncias a dar visos de verdade a esta última hipótese. Mas, por outro lado, acontece, muitas vezes, diante de um crime de morte insuficientemente esclarecido, que muita gente, incapaz de admitir que um acto tão horroroso possa ter por móbil a mais sórdida das motivações, acaba por engendrar uma história em que o público acredite, e onde o assassino age por mais altas razões. Neste caso, as pessoas, demasiado chocadas com a ideia de que Williams pudesse ter sido movido apenas pela intenção de roubar, ao escrever tão complexa tragédia, aceitaram, de boa mente, uma versão em que o assassino lhes surgia dominado por um ódio mortal, fruto de apaixonada e nobre rivalidade na conquista do afecto de uma jovem. A história, porém, ainda dá lugar a dúvidas, embora, com certa probabilidade de acertar, se possa dizer que Mrs. Marr teria sido a verdadeira causa, a «cause teterrima», na disputa entre aqueles dois homens. Mas, neste momento, só os minutos contam, conforme vão escorrendo da ampulheta, para assinalarem, à face da terra, a duração de uma tal inimizade. Que esta noite cessaria. Amanhã é o dia a que na Inglaterra chamam «Sunday» e na Escócia se designa pelo nome judaico de «Sabbat». Em ambas as nações, sob nomes diferentes, tem o dia a mesma função, em ambas se destina ao descanso. Para ti também, Marr, será um dia de descanso, pois assim está escrito. Para ti, assim como para toda a gente da tua casa e para o estranho que vive dentro das tuas portas. Esse vosso descanso será no mundo que fica para lá da sepultura. Mas fica deste

lado a tumba em que havereis todos de dormir o último sono.

Era uma noite muito escura; e nesse humilde bairro londrino, fosse ela como fosse, iluminada ou sem luz, calma ou tempestuosa, as lojas estavam todas abertas, na noite de sábado, até às onze horas, pelo menos, pois havia algumas que fechavam meia hora depois. Não se dava grande importância a essa rigorosa e pedante superstição judaica sobre os exactos limites do domingo. No pior dos casos, o domingo estendia-se da uma da manhã até às oito de segunda-feira, fechando-se, assim, um ciclo de trinta e oito horas, o que, na verdade, já era bastante. Marr, que era dono de uma pequena camisaria, onde investira perto de oitenta libras em fazenda e mobiliário, sentir-se-ia satisfeito se a noite fosse mais curta, ou passasse mais depressa, pois se afadigara dezasseis horas atrás do balcão. Como qualquer outra pessoa metida em negócios, tinha as suas preocupações. Começara havia pouco tempo, mas já as dívidas o atormentavam, as vendas não dando para cobrir as despesas. Mas não era homem para desanimar. Com os seus vinte e sete anos a irradiar saúde e boas cores, não seria a sua situação comercial que o deitaria abaixo. Sentia-se confortado só em pensar (em vão!) que nessa noite, e na seguinte, poderia, ao menos, descansar a cabeça no seio leal da sua jovem e querida esposa. A gente da casa de Marr era constituída por cinco pessoas, a saber: primeiro ele que, se lhe corresse mal o negócio, teria energia suficiente para insistir de novo, erguer-se acima da ruína, uma e outra vez. Sim, meu pobre Marr, assim seria, se pudesses dispor, tranquilamente, das tuas energias, mas, neste preciso momento, do outro lado da rua, está

um indivíduo satânico decidido a opor categórica negativa a todos esses tão animosos projectos. A seguir, na lista das pessoas da casa, vem a sua bela e terna esposa, a viver a felicidade das jovens casadas, pois só tem vinte e dois anos, e se preocupa, acima de tudo, com o seu tão querido filho, o qual, terceiro na lista, é uma linda criança de oito meses, que está agora no berço, aí a uns nove pés abaixo do nível da rua, isto é, numa quente e confortável cozinha, embalado, de vez em quando, pela mãe. Os Marrs tinham casado dezanove meses antes, e era aquele o seu primeiro filho. Mas não lamentemos a criança que, nesse domingo, iria viver num mundo muito diferente; como poderá um órfão, tocado pelos lábios da miséria, sem carinhos de pai e mãe, viver num mundo tão estranho e cruel como o nosso? Em quarto lugar vem um moço escocês, um marçano, aí de treze anos; um rapazito de Devonshire, de bom aspecto, como os rapazes daqueles sítios costumam ser; satisfeito com o trabalho com que o não sobrecarregavam; tratado com delicadeza, tanto pelo patrão como pela patroa. E reconhecido por isso. A fechar a roda de moradores desta casa tão calma, temos uma criada, rapariga já de maior idade, que, sendo moça dedicada, ocupava (como muitas vezes acontece nas famílias modestas e sem pretensões) o lugar de uma irmã, junto da patroa. Por essa altura (1854) estava a processar-se na Grã-Bretanha uma importante modificação nas relações entre os senhores e o pessoal doméstico. Este tinha vergonha de dizer «o meu amo» ou «a minha senhora», preferindo, durante esse lento processo de substituição, que se prolongou por uns vinte anos, tratá-los por «patrões». Nos Estados Unidos, uma tal expressão de democrático

amor próprio, tão desagradável, embora, como uma desnecessária proclamação de independência que ninguém discutia, não provocava, porém, aquele mau efeito. Porque os «auxiliares domésticos» estão sempre perto de pôr casa sua — conseguem-no num ano ou dois — sendo bastante transitória a situação em que se encontram. Mas na Inglaterra, onde já não existiam terras por desbravar, a tendência para a mudança custava o seu pedaço a engolir. O fenómeno arrastava consigo uma certa má vontade e, consequentemente, a provocativa libertação de um jugo que, em todo o caso, era bastante leve e, muitas vezes, benigno até. Numa outra altura ilustrarei melhor este meu ponto de vista. O serviço em casa de Mrs. Marr era um exemplo prático daquele princípio. Mary, a criada, sentia um sincero e leal respeito pela senhora, que via sempre tão ocupada com as suas obrigações domésticas e que, tão nova ainda, investida já de certa autoridade, nunca a exercia por mero capricho ou, pelo menos, nunca o demonstrava. De acordo com o testemunho de todos os vizinhos, a criada tratava a patroa com mostras do maior respeito, embora mostrasse certa confiança e vivacidade ao aliviá-la, sempre que possível, do peso das obrigações maternas, fazendo-o com a alegria e boa vontade de uma irmã.

Mr. Marr, do alto das escadas, chamou pela criada, aí uns três ou quatro minutos antes da meia-noite, mandando-a ir comprar ostras para o jantar. A duração de uma vida assenta, quantas vezes, em bem pequenos acidentes! Marr, ocupado com a loja, e a mulher, preocupada com uma ligeira indisposição e o desassossego do filho, tinham-se esquecido do jantar; já não havia muito tempo para escolher fosse o que fosse, as ostras talvez tenham sido preferidas por serem a coisa mais indicada para depois da meia-noite. E de tão banal circunstância veio a depender a vida de Mary! Houvesse saído para tratar do jantar por volta das dez ou das onze, e é quase certo que ela, a única pessoa a escapar da tragédia, teria tido sorte muito diferente. Desembaraçada, recebeu o dinheiro dado por Mr. Marr e, com um cesto na mão, e em cabelo, saiu da loja. Tornar-se-ia, mais tarde, para ela, extremamente doloroso recordar que, mesmo na altura em que passava a porta, tinha feito reparo num homem que se achava do outro lado da rua. Este, que mal se distinguia à luz dos candeeiros, estivera parado, por momentos, mas pusera-se, logo a seguir, a andar com toda a calma. Era Williams, como um pequeno incidente ocorrido, pouco antes ou depois (é impossível dizer agora), serve para confirmar. Se pensarmos na pressa e preocupação da criada, dadas as circunstâncias já referidas, com tão pouco tempo para cumprir as ordens do patrão, torna-se-nos evidente que alguma coisa de estranho deveria haver nas maneiras daquele desconhecido, para lhe provocarem tamanha impressão; doutro modo, podemos estar certos, a rapariga não teria prestado atenção ao caso. Como ela diria mais tarde, apesar da pouca luz, que lhe não permitia distinguir as feições do homem, nem estar certa do local onde ele havia posto os olhos, parecera-lhe, no entanto, pelo jeito como se movia, que estaria a espiar o n.º 29. O pequeno incidente a que aludi como confirmativo das suspeitas de Mary foi que, na mesma altura, perto da meia-noite, o guarda-nocturno também reparara no tal desconhecido; vira-o a espreitar, uma e outra vez, pela montra da loja; e ligando essa atitude à tão suspeita aparência do indi-

víduo, decidira parar junto da casa e comunicar o que tinha observado. Contaria isto depois aos magistrados, acrescentando que, a seguir, isto é, uns minutos após a meia-noite (uns oito ou dez, depois da partida de Mary) ao regressar ele (guarda-nocturno) da sua habitual ronda de meia em meia hora, Mr. Marr lhe pedira que o ajudasse a fechar os taipais. Tinham conversado um pedaço, e o guarda-nocturno informara o dono da loja de que lhe parecia que o misterioso e estranho indivíduo se tinha ido embora. Pode concluir-se daqui que o assassino se deve ter escondido depois da primeira comunicação feita pelo vigilante. É de crer que Williams tenha reparado na visita feita por aquele a Mr. Marr e verificado que a sua indiscrição estava a tornar-se demasiado notada; de modo que o aviso, tão inutilmente feito, acabou por favorecer o criminoso. O lobo carniceiro deve ter posto mãos à obra um minuto depois de o guarda-nocturno haver ajudado Mr. Marr a fechar os taipais. O que levou Williams a não começar mais cedo foi estar a loja toda patente aos olhos dos transeuntes. Era indispensável que os taipais fossem cuidadosamente descidos para que aquele malvado pudesse, com toda a segurança, meter-se ao seu nefando trabalho. Mas uma vez levada a cabo aquela precaução preliminar, certo de se encontrar ao abrigo de olhos indiscretos, não havia minuto a perder para quem, até ali, não quisera estragar tudo, por mera precipitação. Era necessário entrar antes de Marr ter fechado a porta. Se escolhesse outra oportunidade (esperar, por exemplo, pelo regresso de Mary e entrar ao mesmo tempo que ela) Williams perderia as vantagens do plano que, a mudez dos factos posteriores o confirma, teria elaborado. O assassino foi obrigado, pois, a esperar pelo afastamento

do guarda-nocturno. Esteve nessa expectativa trinta segundos; o risco seguinte era Marr fechar a porta: uma volta de chave e o malvado ver-se-ia impedido de entrar. Por isso se esgueirou para dentro da loja e, ali, com um jeito da mão esquerda, conseguiu dar volta à chave sem que Marr se apercebesse do estratagema. É, na verdade, assombroso e do maior interesse acompanhar os passos do monstro e reparar na clareza com que os mudos hieróglifos do caso nos revelam todo o desenrolar do sangrento drama, como se nós próprios estivéssemos estado escondidos no local, ou, lá do alto dos céus, tivéssemos baixado os olhos para aquela ave de rapina, desconhecedora do que fosse misericórdia. O assassino deve ter fechado a porta com tal destreza que Marr se não apercebeu da cilada. É evidente que, se assim não fosse, o assaltado teria dado o alarme, tanto mais que havia sido prevenido pelo guarda-nocturno. Para o completo êxito de Williams era da maior importância evitar ou impedir que Mr. Marr desse um grito, pois seria o mesmo que soltá-lo na rua, dada a pouca espessura das paredes. Era necessário, portanto, sufocá-lo. E foi-o; o leitor cedo saberá como. Ao chegarmos aqui, deixemos o criminoso sozinho com as suas vítimas. Concedamos-lhe cinquenta minutos para actuar à vontade. A porta bem fechada impedirá qualquer tentativa de socorro. Vamos agora, com os olhos da imaginação, acompanhar os passos de Mary, e, quando tudo já se tiver desenrolado, regressemos com ela, para levantar a cortina e ler o terrível registo de tudo quanto se passou na sua ausência.

A pobre rapariga, preocupada a um ponto que ela própria não conseguia explicar, subiu e desceu a rua, à procura de uma loja que

vendesse ostras; não encontrando nenhuma aberta na área já sua conhecida, pensou que o melhor seria ir procurá-las num bairro mais afastado. As luzes, ao longe, afoitaram-na a prosseguir, e ei-la, assim, a caminhar por ruas desconhecidas e mal iluminadas, numa noite mais escura do que o costume e numa zona de Londres em que grandes cenas de zaragata e tumultos a forçavam a afastar-se do que lhe parecia ser o caminho mais rápido. Acabou por se perder. Como já não conseguia as ostras que lhe haviam encomendado, o melhor era voltar sobre os seus próprios passos. Mas tornava-se-lhe difícil; tinha medo de perguntar o caminho fosse a quem fosse, tanto mais que a escuridão a impedia de distinguir feições. Mas acabou por lobrigar, ao longe, o guarda-nocturno, graças à luz da lanterna que este trazia. O homem indicou-lhe o melhor caminho e, dez minutos depois, estava ela à porta do n.º 29 da Ratcliffe Highway, satisfeita por ter estado ausente apenas uns cinquenta ou sessenta minutos, verificação feita ao ouvir, ao longe, o brado de «já passa da uma», anúncio esse que, começando uns segundos depois daquela hora, se prolonga, intermitentemente, por uns dez ou trinta minutos.

Depressa se sentiu invadida pela dúvida, por maus pressentimentos e sombrios receios, num tumulto de emoções difíceis de destrinçar. No primeiro momento, porém, nada viu que pudesse ser motivo de preocupação. A campainha é, em muitas cidades, o principal meio de comunicação entre a rua e o interior das casas; em Londres, porém, as aldrabas são mais vulgares. Por sinal, a porta dos Marrs tinha ambas as coisas, pelo que Mary tocou a campainha, ao mesmo tempo que foi dando umas pancadas muito leves

com o batente. Não temia perturbar o senhor e a senhora, pois tinha a certeza de que ainda estavam a pé. A sua preocupação era o menino que, se acordasse sobressaltado, daria à mãe mais uma noite de vela. Mas afinal o que se passava? Com grande espanto seu, espanto esse que se foi transformando em gelado terror, nenhum movimento ou sussurro vinha da cozinha. Foi, então, que lhe veio à ideia a figura do estranho homem, enfiado num sobretudo escuro, que vira passar, em silêncio, sob a fraca luz do candeeiro, e, com toda a certeza, a espiar os movimentos do senhor seu amo. Como se recriminava agora, por não ter comunicado as suas suspeitas a Mr. Marr. Pobre pequena! Não sabia ainda que, se um aviso bastasse para pôr Mr. Marr de prevenção, este já o tinha recebido de outra fonte, pelo que por aquele esquecimento, devido, na verdade, à pressa em cumprir as ordens do patrão, não podia ser responsabilizada por quaisquer possíveis consequências. A moça acabou por ser dominada pelo pânico, e bastou para isso um simples facto, um raciocínio: uma pessoa podia muito bem ter adormecido, mas logo duas — ou três — era completamente impossível. Supondo embora que todos tivessem caído no sono, era ainda assim difícil explicar tão impressionante silêncio. É natural pois que, nesse momento, uma espécie de histérico horror se tenha apoderado da pobre rapariga. Tocou de novo a campainha, mas, desta vez, com a violência do terror. Feito isto parou: ainda conseguiu conter-se o suficiente — embora, cada vez mais depressa, o autodomínio se lhe fosse escapando — para ser capaz de pensar que, se algum acidente tivesse obrigado Mr. Marr e o marçano a saírem de casa à procura de um médico, noutro bairro qualquer — hipótese difícil de acei-

tar — mesmo assim, tanto a mãe como o filho deveriam ter acordado, e era natural que aquela respondesse, em voz baixa embora, a dizer-lhe que não fizesse barulho, pois já vinha abrir a porta.

Põe-te à escuta, pobre coração receoso, vive em silêncio esses mortais vinte segundos. E, enquanto a moça sustinha a respiração, para melhor poder ouvir, aconteceu algo de terrível, um angustiante incidente, cujos ecos traria sempre nos ouvidos, por mais anos que vivesse. Mary, a pobre rapariga apavorada, dominando-se, para, num derradeiro esforço, ser capaz de obter uma resposta da sua querida senhora ao seu último e frenético apelo, ouviu, por fim, e com grande nitidez, um ruído dentro de casa. Sim, vinha lá de dentro uma resposta aos seus apelos. Mas o que seria? Nas escadas, não nas que iam dar à cozinha, mas nas que levavam aos quartos do primeiro andar, conseguiu perceber um som rangente. Ouviu, depois, com maior nitidez ainda, ruído de passos: um, dois, três, quatro, cinco degraus, lenta e nitidamente descidos. E vinham já ao longo do pequeno corredor que ia dar à porta. Os passos — seriam mesmo passos, meu Deus? — pararam junto à entrada. Podia ouvir-se a respiração da pavorosa criatura, que silenciara todos os alentos dentro de casa, menos o seu. Mas quem seria, e o que estaria a fazer dentro de casa? Tinha vindo, pé ante pé, escadas abaixo e ao longo do corredor — estreito como um ataúde — até parar junto à porta. Como a sua respiração era pesada! E já só a porta se interpunha entre ambos. Suponhamos agora que a abria e que, descuidada, Mary entrava de roldão, para cair nas garras do assassino. O estratagema teria resultado ao princípio, logo após a chegada de Mary; tivesse a porta sido aberta, de repente, ao primeiro toque da campainha, e a moça, incauta, teria logo entrado, para cair nos braços da morte. Mas agora estava de sobreaviso. Haviam-se posto ambos à escuta, ofegantes, de ouvidos colados à porta. Felizmente, havia aquela estreita superfície de madeira a separá-los. Bastaria um ligeiro sinal, o correr do fecho, para Mary se ir esconder no escuro da rua.

Mas que pretenderia o assassino, para vir do corredor até à porta de entrada? Pessoalmente, a moça nada lhe fizera. Considerada, porém, como membro da casa, tinha o seu valor. É que a sua morte completaria a desolação daquele lar, e, quando a notícia corresse mundo, aquela total destruição seria um triunfo sem reservas, capaz de impressionar a imaginação dos homens. Ali estaria o n.° 29 da Ratcliffe Highway para confirmar a força do poderoso assassino, com todas as imaginações vencidas e fascinadas por aqueles olhos de serpente. A ideia do assassino, não haja dúvidas, era abrir a porta, muito devagar, e, imitando a voz de Mr. Marr, perguntar à criada por que razão se tinha demorado tanto. E esta deixar-se-ia iludir. Mas a oportunidade para isso já tinha passado. A moça, agora atenta e desconfiada, começou, de novo, a tocar a campainha e a bater a aldraba, com toda a força, sem parar. O vizinho da porta a seguir, que mal se deitara e logo caíra no sono, acabou por acordar. A incessante violência da campainha e das pesadas pancadas na porta — Mary, frenética, já não tinha mão em si — bastaram para o convencer de que algo de terrível deveria estar na base de tão clamorosos ruídos. Sair da cama, levantar a janela, e perguntar, furioso, pela razão de tanto barulho fora de horas, foi obra de momento. A pobre rapariga ainda conseguiu

suficiente domínio de si para explicar, rapidamente, que tinha estado ausente perto de uma hora, exprimindo as suas suspeitas de que, entretanto, Mr. e Mrs. Marr tinham sido assassinados, e dizer que, naquele mesmo instante, o criminoso ainda estava dentro de casa.

A pessoa a quem ela contou tudo aquilo era um penhorista, e devia ser indivíduo de grande coragem, pois se já é arriscado, como simples demonstração de força física, enfrentar sozinho um assassino, muito maior valor é necessário para alguém se atirar, às cegas, contra um desconhecido, envolto em mistério, contra um homem cuja nacionalidade, número de anos e razões são uma incógnita. Poucas vezes se viu, num campo de batalha, ser um soldado chamado a enfrentar perigo assim. O massacre de uma família inteira só podia ser obra de dois assassinos; mas, admitindo que fosse de um apenas, que audácia não seria a sua! Que destreza e força não teria! Além disso, o inimigo — só ou com mais alguém — deveria estar bem armado. Mesmo assim, e diante de tantas desvantagens, o corajoso vizinho não tinha tempo a perder. Teria de acorrer, sem demora, ao campo de batalha. Foi só enfiar as calças, armar-se com o atiçador da cozinha e descer para o pequeno pátio da sua própria casa. Teria, deste modo, a possibilidade de cortar a retirada ao adversário, pois que, pela parte da frente não haveria tal oportunidade, e também se perderia muito tempo a forçar a porta. Havia um muro de tijolo, de uns nove a dez pés de altura, a separar ambos os pátios. Conseguiu saltá-lo e, no preciso momento em que lhe ocorre a ideia de ir voltar atrás, para ir buscar uma candeia, eis que vê, de repente, um pálido raio de luz a bruxulear na casa dos Marrs e a porta das traseiras escancarada.

O assassino devia ter fugido por ali, meio minuto antes. Sem perder tempo, o corajoso prestamista entrou para a loja, deparando-se-lhe, então, a cena do massacre. Estava tudo tão alagado em sangue que era difícil não se manchar dele ao abrir caminho para a porta da frente. Esta ainda tinha a chave que dera ao assassino a tão fatal vantagem sobre as suas vítimas. Nessa altura, já os gritos angustiados de Mary (que se lembrara de que talvez alguma das vítimas precisasse, ainda, de socorro médico urgente) haviam reunido, junto da casa, mesmo àquela hora tão tardia, uma pequena multidão. O prestamista abriu a porta de par em par. Um ou dois guardas-nocturnos encabeçavam a turba, mas o cruciante espectáculo refreou toda a gente, impondo silêncio ao alarido. A tragédia falava por si, patenteando todo o seu desenrolar. Desconhecia-se, ainda, quem fora o assassino. Nem a menor suspeita havia. Mas existiam bastantes razões para admitir que seria pessoa conhecida de Marr. Tudo parecia indicar que tinha entrado na loja depois de esta ter sido fechada pelo dono. Ora, posto Mr. Marr de sobreaviso pelo guarda-nocturno, a aparição de um estranho dentro da loja, àquela hora e num bairro tão perigoso, de um estranho que se teria metido dentro de casa de modo tão irregular e suspeito (isto é, depois da porta fechada, os taipais corridos e cortada toda a comunicação com a rua) devia, naturalmente, ter levado Mr. Marr a precaver-se. Como nada havia a provar que isso houvesse acontecido, era de concluir que alguma coisa deveria ter ocorrido para anular o alarme, desarmando a prudência do lojista. E essa «qualquer coisa» poderia ser, por exemplo, o simples facto de ambos se conhecerem. Só assim se explicava todo o

desenrolar do drama. O assassino, era evidente, tinha empurrado a porta com todo o cuidado, fechando-a com igual cautela. Encaminhara-se, depois, para o pequeno balcão, ao mesmo tempo que ia trocando com o confiante Mr. Marr os cumprimentos habituais entre velhos amigos. Chegado ao balcão, teria pedido um par de meias de algodão. Numa loja tão pequena como aquela não haveria grandes possibilidades de escolha, dada a pouca variedade de mercadorias. O assassino deveria conhecer a disposição da loja, sabendo que, para chegar ao artigo pretendido, Mr. Marr seria obrigado a voltar-se de costas, ao mesmo tempo que punha os olhos e levantava a cabeça para um ponto aí a umas dezoito polegadas acima. Este movimento tê-lo-ia colocado na mais desvantajosa posição possível, em relação ao assassino, que, aproveitando-se de Mr. Marr estar com as mãos ocupadas e o alto da cabeça completamente exposto, teria sacado, de dentro do largo sobretudo, o pesado maço de carpinteiro naval e, com uma única pancada, de tal modo atordoara a vítima que esta ficara logo incapaz de oferecer resistência. Tudo isto se podia deduzir da posição em que a vítima se encontrava. Esta caíra por detrás do balcão, com as mãos ocupadas de maneira a confirmar quanto acima foi sugerido. É muito provável que Mr. Marr tenha perdido consciência logo à primeira pancada, sem ter tido tempo de se aperceber do traiçoeiro ataque. Todo o plano do assassino, o «rationale» do crime, assentava na necessidade de provocar uma morte fulminante, ou, pelo menos, um atordoamento suficiente para provocar uma longa perda de consciência. Este primeiro passo pôs logo o assassino à vontade. Mas como isso lhe não bastasse, consumou o crime golpeando a garganta da vítima. Processo que utilizou com todas as outras. Os mortos apresentavam a mesma marca: primeiro, uma pancada no crânio, com o que o assassino evitava a reacção da vítima; e depois, para as calar de vez, o corte da garganta. O resto, conforme foi possível concluir pelos vestígios deixados, passou-se assim: a queda de Mr. Marr teria, com toda a certeza, provocado ruído, um confuso sinal de luta, tanto mais que se não podia confundir com qualquer outro som vindo da rua, dado que a loja já estava fechada. É muito possível, no entanto, que o sinal de alarme só chegasse à cozinha quando o assassino começou a cortar a garganta da vítima. O pouco espaço por detrás do balcão tornava difícil a tarefa de pôr a garganta a jeito, dada a pressa com que tudo tinha de ser executado, pelo que o assassino teria sido forçado a dar golpes parciais, mas constante. A vítima terá soltado profundos gemidos, gemidos esses que devem ter chegado ao cimo das escadas. Mas o monstro devia estar prevenido contra semelhante risco. Mrs. Marr e o marçano, ambos jovens e desembaraçados, teriam tentado, com toda a certeza, correr para a porta da rua; se Mary estivesse em casa, seriam três pessoas, ao mesmo tempo, a procurarem desviar os propósitos do criminoso, e talvez fosse possível que uma delas conseguisse chegar à rua. Mas o terrível brandir do pesado maço de carpinteiro impediu tanto o rapaz como a patroa de alcançarem a porta. Estavam ambos inanimados no meio da loja, quando a fera maldita se inclinou sobre eles, de faca na mão, golpeando-lhes a garganta. O certo é que, ao ouvir os gemidos do marido, Mrs. Marr, como cega, esqueceu a prudência: tanto ela como o rapaz poderiam ter corrido para a porta das

traseiras; dariam, assim, o alarme fora de casa, o que só por si já era muito, havendo ainda diferentes meios de desviar a atenção do criminoso, coisa impossível no pequeno espaço da loja.

Vãs seriam agora todas as tentativas de transmitir o horror que se apossou dos espectadores de tão desgarradora tragédia. A multidão já tinha conhecimento de que uma pessoa escapara, por mero acaso, àquela mortandade; mas a jovem parecia ter perdido o uso da fala, e talvez delirasse; por isso, uma vizinha, compadecida, a levou consigo, oferecendo-lhe dormida. Por isso, também e durante muito tempo, ninguém teve a presença de espírito suficiente para se lembrar de que havia uma criança em casa; o corajoso prestamista correra a avisar o corregedor, enquanto um outro vizinho se dirigia à esquadra de polícia mais próxima a participar o caso. De súbito, uma voz se ergue de entre a multidão a lembrar que os Marrs tinham um filho. Este deveria estar na cave, ou num dos quartos do primeiro andar. E logo uns tantos indivíduos desceram à cozinha. Deparou-se-lhes um berço, com a roupa em indescritível desordem. Ao procurarem arrumá-la, puseram à vista verdadeiros charcos de sangue. O dossel do berço estava feito em pedaços. Era evidente que o criminoso se vira tão embaraçado com aquela cobertura à cabeceira do pequeno leito que a desfizera à martelada. As mantas e almofadas em que se afundava a cabeça da criança teriam servido, depois, para abafar as pancadas. O monstro acabara por golpear com a navalha a garganta do inocente; a seguir ao que, sem propósito aparente, talvez porque ele próprio se houvesse sentido chocado com o espectáculo de tanta atrocidade, se apressara a empilhar a roupa sobre o

cadáver da criança. Este incidente demonstra, sem a menor dúvida, que o assassino agiu movido pelo desejo de vingança, confirmando o boato de que a questão entre Williams e Marr era fruto de rivalidade. Houve, depois, quem escrevesse que o assassino devia ter considerado necessário à sua própria segurança impedir os gritos do inocente, mas não faltou quem argumentasse, com toda a razão, que uma criança de oito meses não iria pôr-se a chorar por ter consciência da tragédia que em sua casa se desenrolara, mas, muito simplesmente, só o faria por a mãe não estar ali perto dela, e que um tal choro, ainda que fosse ouvido fora de casa, seria coisa a que os vizinhos estariam habituados, e a que não prestariam atenção, não significando, portanto, para o assassino qualquer motivo de alarme. Nenhum dos incidentes de toda aquela teia de atrocidades acirrou tanto a fúria popular como a morte da criança.

O caso revestia-se de tal horror que na manhã de domingo, isto é, umas quatro ou cinco horas depois, já o mesmo constava por toda a cidade, mas não tenho motivos para crer que haja chegado às redacções dos numerosos periódicos dominicais. Normalmente, uma ocorrência vulgar, que se dê ou de que se tenha conhecimento até à uma e um quatro da manhã de domingo, só vem publicada nos suplementos que aqueles semanários editam no dia seguinte, assim como nos jornais de segunda-feira. Pois se foi o que aconteceu dessa vez, podemos estar certos de estar diante de um erro memorável. Teria feito uma pequena fortuna o jornal que procurasse satisfazer a ânsia de pormenores por parte dos leitores de domingo, anulando duas colunas sem interesse, para a substituir por uma narrativa circunstanciada do

caso, para o que bastaria recorrer ao testemunho tanto do prestamista como do guarda-nocturno. Bastava espalhar prospectos por todos os bairros da capital para se venderem uns 250 000 exemplares do jornal que tivesse coligido o «executivo», indo ao encontro da emoção popular, que acorreu, de todo o lado, ao centro da capital, levada pelos boatos e ansiosa de mais ampla informação. O funeral verificou-se sete dias depois: Mr. Marr no primeiro caixão; no segundo, a esposa, com o filho nos braços; o marçano, no último. Foram enterrados lado a lado, tendo-se incorporado no préstito cerca de 30 000 pessoas, todas com o horror e o pesar estampados no rosto.

Nada constara ainda, nem sequer simples conjecturas, sobre a identidade do monstruoso autor de tão nefandos crimes. Não fora ainda possível identificar-se aquele patrono dos coveiros. Se no domingo do funeral se soubesse o que se soube seis dias depois, o público teria ido directamente do cemitério à morada do assassino e logo ali o teria feito em pedaços. Mas por não ter sobre quem fazer recair justas suspeitas, o público foi forçado a dar golpes parciais, mas constantes. trar tendência para se acalmar, a emoção pública foi aumentando, de dia para dia, conforme as ondas de choque começaram a refluir do campo para a cidade. As autoridades detinham, em todas as estradas do reino, quantos vagabundos não conseguissem dar satisfatória explicação do seu comportamento, ou cuja aparência correspondesse, sob este ou aquele aspecto, à descrição do assassino feita pelo guarda-nocturno.

A esta poderosa vaga de pesar e indignação por quanto já acontecera, veio juntar-se a preocupação por tudo quanto poderia ainda ocorrer no futuro. «O terramoto», para

citar um fragmento de um notável texto de Wordsworth,

«O terramoto nunca se satisfez de uma só vez.»

Todos os perigos, muito em especial quando malignos, têm tendência a repetir-se. Um assassino, que o seja por paixão e ferino desejo de sangue, numa manifestação de perversa sensualidade, não se limita a agir apenas uma única vez. Não será capaz de cair na inércia. Um homem assim, mais do que o caçador alpino de camurças, anseia pelo perigo e por curtas fugas às obrigações comuns, como condimento para a insípida monotonia quotidiana. Mas, para além do satânico instinto que o levaria, com toda a certeza, a cometer novas atrocidades, o assassino dos Marrs, onde quer que se acoitasse, deveria ter as suas dificuldades de dinheiro, pelo que seria forçado, mais tarde ou mais cedo, a procurar recursos numa actividade honesta, coisa para que, não só pela insolente aversão ao trabalho como pela falta de hábito, um homem violento pouca ou nenhuma tendência possui. Ainda que só por necessidades de subsistência, era de esperar que o criminoso, cujos intentos toda a gente procurava adivinhar, voltaria a dar sinais de si, em circunstâncias igualmente atrozes, depois de um razoável intervalo. Embora o assassino tivesse sido levado pelo desejo de vingança, a verdade é que também o estimulara a ideia de roubar. E, sob este ponto de vista, o criminoso deveria ter sofrido uma decepção: a não ser a pequena soma reservada por Marr para as despesas da semana, o assassino pouco ou nada mais encontraria. Aí uns dois guinéus, no máximo, deveria ter sido todo o produto

do saque. Importância essa que lhe poderia durar uns sete dias. Toda a gente estava, portanto, convencida de que, aí um mês ou dois depois de passada a febre da excitação popular, ou ter sido suplantada por um novo assunto, digno do interesse geral, a vigilância nas casas de cada um afrouxaria, e novo e aterrador crime haveria, então, a acrescentar.

Era disso que o público estava à espera. Mas imagine agora o leitor como toda a gente deve ter ficado horrorizada quando, doze noites depois da morte dos Marrs, se deu um crime semelhante ao primeiro. As pessoas, é certo, esperavam pela repetição do horror, mas estavam longe de pensar que, apesar da vigilância geral, e não muito longe do sítio onde deixara tão trágicos sinais da sua passagem, o assassino voltasse, tão cedo, a entrar de novo em acção. O segundo crime verificou-se numa quinta-feita e, pelos dramáticos aspectos de que se revestiu, não faltou quem o considerasse ainda mais horroroso do que o anterior. Desta vez, foi a família de Mr. Williamson a atingida. A casa não ficava mesmo na Ratcliffe Highway, mas muito perto, ao virar da esquina de uma transversal. Mr. Williamson, há muito tempo radicado no bairro, era pessoa bastante conhecida e respeitada. Tinha fama de rico e explorava uma espécie de taberna, mais para não estar inactivo do que para acumular novos bens. Era uma actividade com seus laivos de paternalismo, pois embora a casa fosse frequentada, à noite, por uma clientela bastante miserável, não havia nenhuma espécie de distinção entre tal freguesia e os outros frequentadores pertencentes à classe operária. Bastava uma pessoa portar-se com decência para logo ter direito a uma cadeira e a beber o que lhe apetecesse. A frequência era, portanto, dos mais variados

estilos; havia clientes habituais e outros que só apareciam uma vez por outra. A gente da casa era constituída por cinco pessoas: a cabeça, Mr. Williamson, homem dos seus setenta anos, bem conservados, que tratava bem toda a gente, mas era, ao mesmo tempo, bastante firme a manter a ordem; a seguir, Mrs. Williamson, uns dez anos mais nova do que o marido; em terceiro lugar, uma neta dos seus nove anos, vindo depois uma criada, com perto de quarenta, e, por último, um operário, de vinte e seis, empregado numa fábrica, não me lembro de quê, assim como não me recordo de que nacionalidade seria. Ao bater das onze, e de acordo com uma norma estabelecida pelo dono da casa, tinha toda a freguesia de se ir embora, sem favores ou excepções para quem quer que fosse. Assim conseguia ele manter a casa livre das zaragatas e discussão tão comuns nas tabernas.

Nessa noite de quinta-feira, tudo correra como de costume, se exceptuarmos a leve sombra de suspeita que assaltara alguns dos presentes. Numa altura menos agitada, talvez o caso não desse motivo a reparos; mas quando todas as conversas incidiam, ainda, sobre os Marrs e o assassino desconhecido, não podia deixar de causar certo desassossego aquele estranho, de tão sinistra aparência, que, enfiado num sobretudo muito comprido, passara a noite a entrar e a sair da taberna, fugindo à luz, para se esconder nos cantos mais escuros; várias pessoas a tinham visto a espreitar para dentro da casa, isto é, para a parte habitada pelo proprietário. Toda a gente ficou a pensar que o homem devia ser conhecido de Mr. Williamson. Em certa medida, e como cliente ocasional, é até muito possível que o fosse. Mais tarde, aquele repulsivo e estranho homem que, com a sua

palidez cadavérica, se ocupara, das oito às onze da noite, a entrar e sair da taberna, traria à memória de quantos o haviam observado com atenção qualquer coisa que provocara o mesmo gelado efeito dos dois assassinos em «Macbeth», quando estes, depois da morte de Banquo, surgem do nebuloso fundo da cena, para passearem as faces terríveis pelas pompas do régio banquete.

Entretanto, o relógio bateu as onze; dispersou-se a clientela e fechou-se a porta da loja; nesse momento, os cinco moradores da casa estavam assim distribuídos: os três mais velhos, isto é, Williamson, a mulher e a criada achavam-se no rés-do-chão — o patrão tirava «ale», «porter», etc. para os vizinhos, com vista aos quais a porta da casa ficava entreaberta até à meia-noite; Mrs. Williamson e a criada açodavam-se entre a cozinha e a sala de visitas; a neta, cujo quarto era no primeiro andar (correspondente, em Londres, ao piso que fica no primeiro lance de escadas acima do nível da rua), já estava na cama desde as nove; temos, por fim, o operário, que também se fora deitar à mesma hora. Era hóspede da casa e o quarto dele ficava no segundo andar. Deixara-se estar despido, por momentos, e estirado na cama. Homem de trabalho, habituado a levantar-se cedo, estava ansioso por adormecer o mais depressa possível. Mas nessa noite apoderou-se dele tal desassossego, por causa dos crimes tão recentemente verificados no n.° 29, que não conseguia conciliar o sono. É possível que tenha ouvido falar no tal desconhecido, ou talvez ele próprio houvesse feito reparo no tão suspeito comportamento do homem. Além disso, estava preocupado com os riscos a que aquela casa se achava particularmente exposta; por exemplo, a vadiagem que campeava nas redondezas, e o preocupante facto de os Marrs terem vivido umas portas mais adiante, circunstância essa que levava a crer que o criminoso também não moraria muito longe. Mas havia ainda três outros riscos, típicos daquela casa: a fama de riqueza desfrutada por Williamson, a crença, bem ou mal fundada, de que ele acumulava em estantes e gavetas o dinheiro que, continuamente, lhe corria para as mãos e, por último, o perigo tão ostensivamente cortejado com aquele hábito de deixar a porta de casa entreaberta, uma hora depois da loja fechada — sessenta minutos esses carregados de perigo. Como a partir das onze a clientela abandonara o estabelecimento, não existia para o criminoso o risco de se ver obrigado a enfrentar toda aquela gente. Uma norma, que até ali servira para imprimir carácter e comodidade à casa, tornava-se agora, em circunstâncias muito diferentes, uma nítida proclamação de desamparo, durante aqueles longos sessenta minutos. Aliás, toda a gente era de opinião que sendo Mr. Williamson um homem pesado, de mais de setenta anos, já com certa dificuldade em se mover, devia, por prudência, fechar a porta depois de a clientela se ter ido embora.

Estava o operário, preocupado, a pensar naqueles e noutros motivos de alarme (em especial, no de se dizer que o dono da casa possuía grande quantidade de prata) quando, de súbito, aí uns vinte e cinco ou vinte e oito minutos antes da meia-noite, ouviu fechar a porta, com uma força tal que denunciava a presença de mão violenta. Era, sem a menor dúvida, o satânico indivíduo que, revestido de mistério, cometera tão grandes atrocidades no n.° 29 da Ratcliffe Highway. A terrível criatura que, durante os últimos dozes dias, ocupara todos os pensamentos e conversas,

estava agora naquela casa indefesa, decidida a enfrentar todos os seus moradores. Ainda se não sabia se na casa dos Marrs não teriam sido dois a actuar. Se assim fora, estariam ambos agora ali; um deles estaria já a subir ao andar de cima, a fim de que ninguém corresse a uma das janelas, a alarmar os transeuntes. O pobre homem, aterrorizado, esteve coisa de meio minuto sem se poder levantar da cama. Mas quando o conseguiu o seu primeiro movimento foi para a porta do quarto, mas não com o fim de impedir a entrada a quem quer que fosse, pois muito bem sabia não possuir a porta fechadura de espécie alguma, e não haver no quarto peça de mobília que pudesse ser removida e servir para se barricar, se houvesse tempo para isso. Não foi a prudência mas a fascinação da morte que o levou a abrir a porta. Um passo mais e viu-se ao cimo das escadas. Pôs a cabeça na balaustrada, para poder ouvir melhor; nesse preciso momento percebeu, vindo da sala de visitas, o grito angustiado da criada. «Ai, meu Deus, que morremos todos!» Como devia ser terrível aquele rosto exangue, aqueles olhos vidrados, que mais pareciam de um cadáver, para logo neles se ler uma sentença de morte.

E foram três as vidas ceifadas. O pobre trabalhador aterrorizado, sem saber o que fazia, em cega e passiva rendição ao pânico, desceu dois lances de escada. O imenso terror que o movia podia ser confundido com a coragem. Em camisa de noite, pôs-se a descer os velhos e rangentes degraus, até chegar quase ao fim das escadas. Era uma situação tremenda, para lá de tudo quanto a história do crime regista em seus anais. Bastaria um espirro, um ataque de tosse, o ofegar da respiração, para o jovem ver terminado o curso

dos seus dias, sem ter tido uma oportunidade sequer de lutar pela vida. O assassino achava-se, então, na sala de visitas, cuja porta dava para as escadas e estava entreaberta — quase escancarada, para melhor dizer. Se não formava um ângulo recto com a parede do vestíbulo, tinha uma abertura de 55 graus, pelo menos. Dois cadáveres se lhe depararam. Onde estaria o terceiro? E o assassino? Este andava de um lado para o outro da sala. O jovem conseguia ouvi-lo, embora não o visse. Parecia ocupado com qualquer coisa, na zona do quarto encoberta pela porta. Pelo ruído feito, depressa se saberia o que era: experimentava chaves no guarda-louça, na escrivaninha, nos móveis colocados na parte da sala que o operário não conseguia ver. Depressa, porém, o homem se tornou visível; felizmente, porém, para o jovem, nesse momento crítico, o assassino estava tão absorvido nos seus propósitos que não deitou os olhos para as escadas, onde logo descobriria a pávida figura do jovem operário, ali petrificado, ante o risco de, num segundo apenas, ser posto em termos de descer à cova. O cadáver que faltava, isto é, o de Mr. Williamson, achava-se na cave, estando ainda por esclarecer a razão de se encontrar ali. Discutiu-se muito sobre isso, na altura, sem se chegar a uma conclusão. Mas era evidente que o dono da casa já devia estar morto, caso contrário, o apavorado hóspede tê-lo-ia ouvido estrebuchar ou gemer. Três pessoas amigas, de um total de quatro, de quem o jovem se despedira quarenta minutos antes, jaziam agora sem vida; subsistiam ainda 40 por cento (uma alta percentagem para Williams dar por findo o seu trabalho); subsistiam, na verdade, o hóspede mais a linda e tão jovem neta dos donos da casa, mergulhada num sono ino-

cente, sem preocupações por si ou pelos avós. Mas se estes haviam partido para sempre, ela tinha ali perto um amigo que, como tal, correria os maiores riscos para a salvar, embora, nesse momento, estivesse mais perto do assassino do que da criança, e incapaz de qualquer esforço. Parecia um bloco de gelo, ante os horrores que tinha diante dos olhos. A criada, ao ser atingida pelo assassino, estava de joelhos, em frente da grelha da lareira. Tinha estado a areá-la e, findo esse trabalho, começara a enchê-la de lenha e carvão, não com a ideia de a acender, mas para ter as coisas prontas para o dia seguinte. Tudo parecia indicar que devia estar entregue a esse trabalho quando o assassino entrou; tendo-se as coisas passado, talvez, do seguinte modo: pela terrível exclamação e pela evocação do nome de Deus, ouvida pelo hóspede, é evidente que ela, primeiro, se sentira alarmada; isto passara-se, no máximo, dois minutos depois de a porta ter sido fechada com estrondo. Este ruído, que tão temerosa e oportunamente alarmara o jovem, deve, em certa medida, ter sido mal interpretado pelas duas mulheres. Afimou-se, na altura, que Mrs. Williamson era um tanto dura de ouvido, e que a criada, entregue ao seu trabalho de limpeza, com a cabeça meio metida debaixo da grelha, deveria ter confundido aquele barulho com os ruídos que vinham da rua, ou, então, julgado que o violento bater da porta fosse obra de garotos. Mas, fosse qual fosse a explicação, o certo é que, até soltar aquele seu grito, a criada coisa alguma notara de suspeito que a forçasse a interromper o trabalho. Sendo assim, também Mrs. Williamson não dera por nada, pois que, em caso contrário, teria alarmado a criada, já que se encontravam ambas no mesmo aposento. Aparentemente, as coi-

sas, depois que o criminoso entrou no quarto, devem ter-se passado assim: Mrs. Williamson não o teria visto, por estar de costas para a porta. E, antes que isso se pudesse dar, deve ter sido prostrada com uma pancada, vibrada com um pé-de-cabra, na parte de trás do crânio. Tombou, e foi o ruído da queda a despertar a atenção da criada, que soltou, então, o grito ouvido pelo hóspede; mas antes de ter tido tempo para o repetir o assassino atingiu-a, também no crânio, esmagando-lho. Como nenhuma das mulheres tinha salvação, não eram necessários mais ultrajes; além disso, o assassino sabia que dispunha de pouco tempo. Pois mesmo assim, e apesar da pressa, preocupado com o que lhe poderia acontecer se alguma das suas vítimas conseguisse recobrar consciência e contar tudo quanto se passara, o assassino cortou-lhes, imediatamente, a garganta. Ali estava tudo para confirmar como as coisas se tinham passado. Mrs. Williamson caíra para trás, com a cabeça na porta; a criada, de joelhos, não fora capaz de se levantar, entregando-se assim à morte. O assassino virou-lhe depois a cabeça, para lhe cortar a garganta. É espantoso como o jovem operário, paralisado como estava pelo medo, e de tal modo fascinado que se fora meter na boca do lobo, ainda teve presença de espírito suficiente para pensar num pormenor muito importante. Imagine-o agora o leitor a espreitar para o assassino, inclinado sobre o corpo de Mrs. Williamson, ou à procura das chaves. Um momento crucial para o implacável homicida, pois que se as não encontrasse o mais depressa possível, toda aquela medonha tragédia só serviria para aumentar o terror popular e as precauções de toda a gente, duplicando os obstáculos entre o criminoso e os seus projectos para o

futuro. Não havia necessidade de correr riscos, tanto mais que a sua salvação imediata poderia, por qualquer acidente, ver-se assim comprometida. A maior parte das pessoas que vinha à loja buscar bebidas era constituída por moças irreflectidas ou por crianças que, vendo a casa fechada, iriam procurar outra no género; mas se se desse o caso de ser uma mulher atenta, ou um homem, a chegar à porta, um quarto de hora antes do tempo estabelecido para fechar, era muito natural que a coisa se lhe tornasse suspeita. Daria logo alarme, depois do que tudo dependeria do acaso. Por aqui se vê a singular inconsequência do malvado, tantas vezes desnecessariamente astuto, mas, por outro lado, tão descuidado e imprevidente, como o estava a ser naquele momento, ali entre cadáveres que inundavam de sangue a pequena sala de visitas, sem a certeza de ter possibilidades de fuga. Que havia janelas para as traseiras, sabia-o ele, mas parece que não estava certo do lugar para onde davam; numa zona tão perigosa, era natural que as janelas do andar de baixo estivessem bem pregadas, e se as de cima estivessem abertas, seria preciso dar um grande salto. Apesar de tudo isso, o único problema, de momento, era experimentar mais chaves e descobrir o tesouro onde quer que estivesse escondido. Foi por estar tão preocupado com a busca que o assassino deixou de prestar atenção a tudo o mais; caso contrário, teria ouvido a ofegante respiração do hóspede, respiração que para o próprio se tornava, por vezes, assustadoramente audível. O criminoso debruçou-se, mais uma vez, sobre Mrs. Williamson, rebuscando-lhe as algibeiras. Tirou vários molhos de chaves, mas um deles, ao cair, retiniu no soalho. Foi então que a testemunha reparou em que o sobre-

tudo do assassino tinha forro de seda, da melhor qualidade. Um outro pormenor, muito mais importante, foi que os sapatos do criminoso, com aparência de novos, comprados talvez com dinheiro do infeliz Marr, rangiam muito. O assassino dirigiu-se para o fundo da sala, com os novos molhos de chaves. Foi só nesse momento que o hóspede teve, por fim, a ideia de fugir. Seriam precisos uns tantos minutos para experimentar todas as chaves e rebuscar as gavetas, se aquelas servissem — ou para as arrombar, em caso contrário. O ruído das chaves abafaria, durante um curto espaço de tempo, o ranger dos degraus, enquanto o hóspede subisse as escadas. A ideia era voltar ao quarto, encostar a cama à porta, a fim de retardar o avanço do inimigo, o que serviria ainda para lhe denunciar a aproximação, dando, no pior dos casos, ao jovem operário, a possibilidade de salvar a vida, num salto desesperado pela janela abaixo. Tendo conseguido fazer o que pretendia, no maior silêncio possível, o hóspede rasgou lençóis, fronhas e cobertores e, depois de os torcer, amarrou-os uns aos outros. Mas havia ainda outro problema: onde prender a ponta da corda, de modo a poder descer com segurança, se não dispunha de maçaneta, gancho, tranca ou qualquer coisa no género? Do peitoril da janela ao solo seriam uns vinte e dois ou vinte e três pés. Poderiam descontar-se uns dez ou doze, pois dessa altura já seria possível saltar sem perigo. Sendo assim, bastavam uns doze pés de corda. Mas,, infelizmente, não havia nenhuma peça de ferro suficientemente forte, perto da janela. A mais próxima, e a única possível, ficava bastante afastada; era um espigão, fixado (sem razão aparente) no dossel da cama, mas, ainda por cima, como esta tinha sido mudada de lugar,

a distância até à janela, que fora sempre de quatro pés, passara a ser de sete, comprimento este que seria preciso acrescentar aos que bastariam se a corda partisse do peitoril. Coragem, porém! Lá diz o provérbio que Deus ajuda quem a si ajuda. Coisa que o nosso jovem muito bem sabia, tendo aprendido ainda que um espigão sem préstimo aparente pode, de súbito, converter-se num objecto providencial. Se fosse só para si que trabalhasse, talvez toda aquela aplicação lhe não parecesse tão meritória. Mas havia uma razão maior a impeli-lo. É que, no mais fundo da consciência, se preocupava com a pobre criança, de que muito gostava, e cada minuto decorrido contribuía para que a morte mais e mais dela se aproximasse. Logo ao transpor a porta, o nosso homem tinha pensado em a arrancar da cama, em a levar para onde fossem maiores as possibilidades de salvação. Mas pensara também que, se a acordasse, sem poder murmurar-lhe uma explicação, faria com que ela começasse a chorar, de modo a ser ouvida, e a inevitável indiscrição de uma só pessoa seria fatal a duas. Assim como aos aludes alpinos, suspensos sobre as cabeças dos viajantes, basta, muitas vezes (dizem), um assobio para que desabem pela encosta abaixo, também ali seria suficiente um sussurro para desencadear a fúria assassina do malvado. Não, havia uma possibilidade de salvar a criança, mas para isso era necessário salvar-se ele primeiro. E não começara mal; o espigão, contra o que temera, aguentou-se bem com o seu peso, sem se soltar da madeira meio carcomida em que estava cravado. Amarrou-lhe cerca de três pés de corda, dos onze que tinha entrançado. E preparou mais oito, de modo que ficou com dezasseis para descer a janela. Não seria grande

o risco de descer pela corda até onde ela desse, e deixar-se, daí, cair no chão. Tudo isto se passou em seis minutos, numa luta firme mas apaixonada, entre os dois pisos da casa. Enquanto o assassino se atarefava na saleta, o hóspede fazia o mesmo no seu quarto. O malvado açodava-se no andar de baixo; já metera no saco um maço de notas, e andava à procura de mais. Recolhera também um monte de moedas. Ainda não havia soberanos, mas os guinéus daquela época valiam cada um trinta xelins; e descobrira uma pilha deles. O malvado sentia-se nas suas «sete quintas»; se houvesse mais alguém em casa, como muito bem suspeitava, e muito depressa confirmaria, teria o maior gosto em beber com ele qualquer coisa, antes de lhe cortar a garganta. Mas em vez do copo, não poderia oferecer à tal criatura o direito de conservar a gorja? Impossível! Os gasganetes não são coisa que se ofereça, e negócios são negócios. Na verdade, os dois homens, encarados apenas como competidores, não deixavam, ambos, de ter os seus méritos. Como os coros e semicoros, as estrofes e as antiestrofes, aplicavam-se um contra o outro. Dá-lhe operário, dá-lhe assassino! O primeiro estava quase pronto a saltar. Aos dezasseis pés de corda, dos quais sete eram anulados pela distância até à cama, conseguira ainda acrescentar mais seis, de modo que ficaria a uns dez pés do chão — salto que um homem ou um rapaz podem dar sem se magoar. Já o mesmo se não podia dizer do assassino. O malvado, apesar de toda a sua astúcia, perdera tempo demasiado. Tanto eu como o leitor sabemos de um pequeno pormenor, desconhecido pelo assassino, isto é, que durante três minutos o assaltante tinha sido observado por alguém que, embora apavorado, não dei-

xara de reparar no ranger dos sapatos e no sobretudo forrado de seda, indícios que seriam bastante comprometedores num bairro como aquele. E ainda que Mr. Williams desconhecesse o facto de ter sido visto a remexer nas algibeiras da dona da casa, e nenhum motivo tivesse para se preocupar com tudo quanto o operário depois fez, nem com a descida pela corda, a verdade é que, fosse como fosse, tinha fortes razões para se apressar. E foi o que não fez. A polícia, investigando os factos pelos mudos traços que o assassino deixou atrás de si, chegou depois à conclusão de que, realmente, o criminoso perdera um ror de tempo. Levara-o a isso a sede de mais mortes, já que para ele o assassínio não era um meio para alcançar determinado fim, mas um fim em si mesmo. Mr. Williams tivera uns quinze ou vinte minutos para actuar; nesse espaço de tempo levara a cabo, num estilo que consideraria satisfatório, considerável quantidade de trabalho. Fizera, para usar linguagem comercial, «um bom negócio», despachando toda a gente, da cave ao rés-do-chão. Mas havia ainda mais dois pisos, pelo que se lembrara de que, embora o taberneiro sempre o tivesse impedido de conhecer o interior da casa, deveria haver mais uns tantos gasganetes, num ou noutro dos andares. Porque para roubar já não haveria quê, a não ser ninharias. Mas gargantas — ah, gargantas — lá isso é que não podia deixar ficar para trás, sem ter vasculhado bem. E por essa ferina sede de sangue era capaz de deitar a perder todo o trabalho de uma noite, a própria vida, até. Nesse preciso momento, se fosse capaz de adivinhar, o assassino poderia ver a janela aberta, pronta para a descida do operário, poderia testemunhar o empenho, de vida ou de morte com que aquele agia, pode-

ria prever o tumulto que, dentro de noventa segundos, enlouqueceria os moradores do populoso bairro. E nenhuma descrição de um maníaco possesso de terror, ou sedento de vingança, seria capaz de dar uma ideia da precipitação com que se atiraria para a porta da rua, a tentar a fuga. E ainda lhe era possível fazê-lo. Ainda dispunha de tempo para se escapar, fugindo à viragem que se verificaria no romance da sua abominável vida. Tinha para cima de cem libras na algibeira; meios, portanto, para se disfarçar. Se, nessa mesma noite, rapasse o cabelo e escurecesse as sobrancelhas, comprando, logo pela manhã, uma cabeleira preta, assim como roupas que lhe dessem o ar de um austero empregado ou funcionário, ser-lhe-ia possível iludir as suspeitas dos polícias mais impertinentes, e embarcar num dos muitos barcos prontos a partir para um dos muitos portos escalonados ao longo das 2400 milhas de costa dos Estados Unidos da América; poderia aí gozar de cinquenta anos de descansado arrependimento e morrer, até, em cheiro de santidade. Mas, se preferisse ter uma vida activa, é bem possível que com a sua astúcia, dureza e falta de escrúpulos, numa terra em que a simples naturalização converte o estranho em filho da casa, conseguisse chegar à Presidência, ter uma estátua depois de morto, e uma biografia em três volumes, sem a menor alusão ao n.° 29 da Ratcliffe Highway. Mas tudo dependia dos noventa minutos seguintes. Nesse intervalo, tinha de tomar uma decisão, fazer um movimento, que tanto podia ser certo como errado. Se o anjo da guarda o encaminhasse, ajudando-o a escolher, teria a prosperidade ao seu alcance. Mas atenção!, vê-lo-emos dentro de dois minutos a escolher o movimento errado, com Nemésis nos cal-

canhares, para lhe infligir uma completa e súbita desgraça.

Se o assaltante ia perdendo tempo, já o mesmo não acontecia com o homem da corda. Sabia que a sorte da pobre criança estava por um fio, sendo preciso dar o alarme antes de o assassino ir ter com ela. Nesse preciso momento, em que o desespero quase lhe paralisava os dedos, chegaram-lhe aos ouvidos os passos furtivos do assassino, a subir no escuro pelas escadas. O operário esperava que o malvado (pela violência com que tinha fechado a porta de entrada) se pusesse a trepar a galope, entre rugidos de besta-fera, decidido a actuar nos dois andares de cima. O instinto talvez o levasse a isso, mas já não podia ser assim, porque o processo só daria os seus terríveis frutos em caso de surpresa, tornando-se arriscado se a vítima estivesse à espera e em guarda. O movimento fora na escada — mas em que degrau? Talvez tivesse sido no primeiro, pensara o operário, mas fora tão lento e cauteloso que tanto podia ter sido no décimo como no décimo segundo ou décimo quarto. Talvez nunca ninguém neste mundo tenha sentido uma responsabilidade tão grande como a que, naquele momento, afligia o operário, preocupado com a sorte da pobre criança, mergulhada no sono. Dois segundos perdidos, por imperícia ou pânico, significariam para a criança a diferença entre a vida e a morte. Mas havia ainda uma esperança, e nada melhor para revelar a satânica natureza daquele cuja sombra obscurecia a casa, do que tal esperança assentar na certeza de que o assassino se não sentiria satisfeito com matar uma rapariguinha ainda mergulhada na inconsciência do sono.

Isso bastaria para desistir de a matar. Porque um epicurista do crime como John Williams sentir-se-ia defraudado nessa sua fruição, se a pobre criança pudesse beber a amarga taça da morte sem se aperceber da tragédia. Mas tal prazer exigia tempo: primeiro, a surpresa de se sentir acordada a uma hora tão pouco comum e, depois, o horror da explicação que a faria desfalecer, perder a consciência, ou qualquer outra coisa assim. E nisso se passaria imenso tempo. Tudo assentava, em suma, no ultra-satanismo de Williams. Bastasse-lhe o simples facto de matar a criança, dispensasse o assassino o espectáculo da agonia mental em que a vítima se debateria primeiro — e nenhuma esperança seria de acalentar. Mas como o criminoso era extremamente exigente em tudo quanto fazia, um perfeccionista preocupado com os mínimos pormenores da cena, ainda poderia haver salvação para a criança, já que era necessário tempo para a preparação de todos aqueles requintes. Num crime por mera necessidade, Williams seria forçado a apressar-se; mas num homicídio de pura volúpia, inteiramente desinteressado, sem testemunha hostil a anular, lucro material a colher, nem agravo a fazer pagar, é evidente que a pressa só serviria para estragar tudo. A salvação da criança dependia, portanto, de razões puramente estéticas.

Mais um segundo passo furtivo e cauteloso nas escadas, e o operário teve de pôr de lado todas aquelas suas considerações. Um terceiro, e estaria lavrada a sentença de morte da criança. Mas, nessa altura, já está tudo a postos: a janela aberta, a corda a balouçar. O operário já começara a descer, a corda bem segura, com a firmeza e o cuidado necessários para não se ir estatelar no solo. Os nós da corda ajudavam-no na descida, impedindo-o de se precipitar por ali

abaixo. Mas, afinal, aquela era aí uns quatro ou cinco pés mais curta do que calculara, pelo que o nosso homem ficou suspenso no ar, a uns dez ou onze pés acima do nível do solo. Manteve-se em silêncio, embora se agitasse sem parar, receoso de saltar para o chão, onde poderia partir uma perna.

A escuridão da noite era menor do que aquela em que os Marrs tinham sido mortos, mas mesmo assim bastante pior do que quantas, alguma vez, teriam envolvido um assassino no seu manto de sombras, ou frustrado a sua perseguição. Londres estava coberta, de uma ponta a outra, por um espesso sudário de névoa, vinda do rio.

O jovem esteve suspenso uns vinte ou trinta segundos, sem que ninguém reparasse nele. Mas aquela camisa branca despertara a atenção, e surgiram por fim umas três ou quatro pessoas que correram a suster-lhe a queda. Algo de terrível se estaria a passar. A que casa pertenceria aquele homem? É que não se percebia logo à primeira vista. O jovem apontou para a porta dos Williamsons, murmurando, ainda apavorado: «O assassino dos Marrs anda dentro daquela casa!»

A silenciosa linguagem dos factos falou por si própria. O misterioso exterminador do n.º 29 da Ratcliffe Highway visitara outra morada; apenas um homem conseguira fugir, pelo ar, em camisa de noite, para vir contar a história. O medo seria capaz de refrear a perseguição ao criminoso, mas lá viria o sentido da justiça e da vingança a impor uma intervenção rápida, imediata.

Sim, o assassino dos Marrs — o tal homem envolto em mistério — voltara de novo a agir; talvez estivesse a matar algum naquele preciso momento, e era ali mesmo, naquela casa, cujas paredes todos quantos ouviram a

história podiam tocar. Ali mesmo, e não em qualquer outro sítio remoto. O caos, o cego alvoroço que se seguiu, a avaliar pelas reportagens publicadas pelos jornais nos dias seguintes, foram coisa, a meu ver, sem paralelo; se quisermos encontrar um termo de comparação, teremos de ir buscar o caso da absolvição dos sete bispos, ocorrido em Westminster, em 1688. Mas agora havia mais do que apaixonado entusiasmo. Aquele misto de horror e exultação, aquele ulular de vingança, que irrompera dali, contagiando todas as ruas adjacentes, só pode ser expresso por estes arrebatadores versos de Shelley:

O arrebatamento de uma feroz e monstruosa alegria
Espalhou-se, nas asas do medo, por todas as ruas,
Em rápido voo.
O faminto despertou da sua melancólica loucura
E morreu em alegria. O moribundo, jazendo
Entre cadáveres, em rígida agonia, ouviu
As felizes novas e, cheio de esperança,
Cerrou os olhos cansados. E o clamor dos vivos
Capaz de sacudir a abóbada celeste,
Correu de casa em casa, enchendo
De ecos a terra assustada.

Houve, na verdade, algo de quase inexplicável no modo como se juntou logo ali tanta gente. Poderia parecer, de facto, que o mortal rugido da vingança, e a sua sublime unidade, tinham sido capazes de encaminhar para aquele bairro o demónio cuja ideia havia tiranizado, doze dias a fio, o coração de toda a gente. Abriram-se portas e janelas, como a uma palavra de comando. Impacientes, mui-

tas pessoas saltaram logo pelas janelas dos andares mais baixos. Homens doentes levantaram-se da cama. Temos o exemplo, que serve para confirmar a descrição de Shelley (versos 5, 6, 7 e 8), de um indivíduo, já com os dias contados — acabaria por morrer no dia seguinte — que se levantou, pegou numa espada e desceu à rua em camisa de noite. Era uma boa oportunidade, e a multidão sabia-o, de caçar a besta-fera, à meia-noite, entre os despojos da sua sangrenta carnificina. A multidão esteve, por momentos, sem saber como agir, o número das pessoas e a sua dementada fúria impedindo uma acção concertada. Mas acabou por se dominar. Era evidente que se teria de arrombar a maciça porta de entrada, por não haver ninguém lá dentro para a abrir, a não ser uma pobre criança. Uns tantos pés-de-cabra, devidamente aplicados, fizeram saltar num minuto a porta dos seus gonzos, irrompendo logo a multidão pela casa dentro. É de calcular com que impaciência e irritação se teria erguido aquela voz, a impor silêncio. Como se tratava de pessoa muito respeitada, a multidão ficou à espera do que queria dizer. «Prestem atenção — disse depois o tal homem — para sabermos se está nos andares de cima ou cá em baixo.»

Ouviu-se, logo a seguir, o ruído de alguém a tentar forçar as janelas. Era evidente que o som vinha do quarto de cima. O assassino estava ainda dentro de casa e caíra numa ratoeira. Não conhecendo bem a residência dos Williamsons, tudo indicava que se vira encurralado nos andares cimeiros. A multidão, impetuosa, subiu as escadas. A porta estava mal fechada e, quando a abriram, ouviu-se o estrondo de vidros e caixilhos arrombados, a anunciar que o malvado conseguira

fugir por ali. Saltara para o chão, e logo vários populares lhe foram no encalço. Não se tinham preocupado com a natureza do terreno, mas ao examiná-lo depois à luz das tochas, viram que se tratava de um aterro de lama, muito húmido e pegajoso. Distinguiam-se bem as pegadas do assassino. Os perseguidores foram até ao cimo do aterro, mas logo se viu que era inútil prosseguir na busca, por causa da espessura do nevoeiro. Era impossível identificar um homem, mesmo a pequena distância, e, chegando-se ao pé dele, ninguém seria capaz de o acusar de ser o mesmo que acabara de se esfumar ali diante de toda a gente. Nunca, ao longo dos séculos, houvera noite tão propícia à fuga de um criminoso como aquela. O assassino dispunha agora de muitos meios para se disfarçar; e existiam, junto ao rio, inúmeros antros onde se poderia acoitar, anos seguidos, sem ser incomodado. Mas a fortuna acaba por abandonar os negligentes e mal agradecidos. Nessa noite, e num momento decisivo para a sua carreira, Williams escolheu o movimento errado, regressando, por simples indolência, ao velho quarto onde se acoitava — o único sítio, em toda a Inglaterra, que nessa altura deveria evitar. Entretanto, a multidão rebuscava toda a casa dos Williamsons. O primeiro movimento fora para procurar a criança. O assassino, era evidente, tinha chegado até junto dela, mas surpreendido com o súbito alvoroço vindo da rua, correra à janela, única possibilidade de fuga de que dispunha, conseguindo escapar-se graças ao nevoeiro e à confusão do momento, assim como à dificuldade de chegar às traseiras do prédio. A criança ficou, como é natural, muito perturbada com aquela vaga de estranhos a irromper-lhe pelo quarto, àquela hora;

os vizinhos, porém, tiveram o cuidado de lhe encobrir tudo quanto ali se tinha passado enquanto dormia. A multidão acabou por descobrir na cave o cadáver de Mr. Williamson: tudo parecia indicar que tinha sido empurrado do alto da escada, com violência tal que partira uma perna, depois do que o assassino descera até junto dele, para o degolar.

Travaram-se, na altura, grandes polémicas nos jornais sobre a possibilidade, em face de todos os indícios e circunstâncias conhecidas, de ter sido um único indivíduo a actuar. Tudo demonstrava que sim. Aquando dos Marrs, apenas um homem tinha sido visto e ouvido; um só também, e tudo assegurava que seria o mesmo, fora visto, pelo hóspede, na sala de Mrs. Williamson, a pedir-lhe uma cerveja. Para o atender, o velho tivera de descer à cave, tendo então o assassino fechado a porta com a violência já referida. A vítima, açodada, teria subido as escadas, para ver o que seria aquilo. O assassino, que estaria à espera dessa reacção, tê-la-ia enfrentado, atirando-a pelas escadas abaixo, depois do que descera, a consumar o crime, no seu estilo preferido. Tudo se teria passado num minuto, ou num minuto e meio, um pouco menos do que o tempo decorrido entre o alarmante bater da porta, ouvido pelo hóspede, e o grito apavorado da criada. Era evidente, também, que se nada se ouvira dos lábios de Mrs. Williamson, isso se devera à posição em que esta se encontrava. Como estava de costas e, além disso, ouvia mal, o assassino teria conseguido agredi-la, sem que ela se tivesse apercebido de tão sinistra presença. Quanto à criada que assistiu, sem a menor dúvida, a toda a cena, não obteve o assaltante a mesma vantagem, tendo ela, portanto, tempo de soltar um grito de pavor.

Afirmou-se que, no período decorrido entre as mortes dos Marrs e a dos Williamsons, o assassino nada deixara atrás de si que pudesse encaminhar as suspeitas do público ou da polícia. Mas, afinal, existiam duas pequenas excepções a tão absoluto estado de ignorância. É que as autoridades tinham em seu poder algo que, se bem examinado, ofereceria boas possibilidades de identificar o criminoso. E isso ainda não acontecera. Só na manhã da sexta-feira que se seguiu à morte dos Williamsons, foi tornado público este pormenor de relevante importância: o maço de carpinteiro naval que o assassino utilizara para matar os Marrs tinha gravadas as iniciais J. P. Essa peça de ferramenta fora abandonada, por estranho descuido do assassino, na loja do n.º 29 da Ratcliffe Highway. É interessante notar que o monstro, ao ser interceptado pelo corajoso prestamista, talvez estivesse desarmado. O público só teve conhecimento do pormenor acima referido na manhã de sexta-feira, isto é, treze dias depois do crime. E, como adiante se verá, colheram-se imediatamente bons resultados dessa revelação. Logo desde o princípio que, no segredo de um dormitório londrino, Williams se tornara objecto de supeitas; isto é, na altura em que se dera a primeira tragédia. Suspeitas essas nascidas da estranheza do seu comportamento. Williams morava numa casa de dormidas, em companhia de outros indivíduos das mais diversas nacionalidades. A sua camarata dispunha de umas cinco ou seis camas, ocupadas por operários, gente respeitável, na sua maior parte. Viviam ali um ou dois ingleses, um ou dois naturais da Escócia, cuja nacionalidade se não sabia ao certo. Naquela fatal noite de sábado, o assassino, ao regressar da sua pavorosa tarefa, encontrou os ingle-

ses e os escoceses a dormir, estando porém os alemães acordados. Um deles estava deitado, com uma vela na mão, a ler, em voz alta, para os outros dois conterrâneos. Com maus modos e muito autoritário, Williams voltara-se para eles e dissera: «Apaguem essa vela, senão morremos todos queimados na cama.» Se o pessoal da ilha estivesse acordado, teria havido grandes protestos contra uma ordem proferida com tanta arrogância. Mas os alemães são, em geral, gente de bom feitio, obediente, pelo que, com a melhor das boas vontades, apagaram logo a luz. Como não havia cortinas, os alemães viram logo que não existia perigo de espécie alguma, e a roupa de cama, amontoada sobre cada um deles, arderia tanto como as folhas de um livro fechado, tendo concluído daí que Mr. Williams devia ter alguma razão para não querer ser observado, nem que reparassem na roupa que trazia vestida. O motivo tornou-se evidente no dia seguinte, quando, por toda a cidade, e naquela casa que, por sinal, não ficava longe da loja de Marr, se soube o que havia acontecido. Os alemães comunicaram as suas suspeitas aos outros colegas de dormitório. Todos, porém, sabiam dos perigos que, segundo a lei inglesa, implicava fazer insinuações contra uma pessoa, ainda que verdadeiras, sem se apresentarem provas convincentes. Tivesse, na verdade, Williams tido a precaução de descer ao Tamisa, que ficava bastante perto, para atirar ao rio os instrumentos que utilizara, e nenhuma prova concreta poderia ser aduzida contra ele. Além disso, deveria ter seguido o exemplo de Curvoisier (assassino de Lord William Russell), deixando que se passasse um mês entre um e outro crime. Os companheiros de dormitório, entretanto, calaram-se, à espera de

melhores provas. E mal se tornou público que o maço tinha as iniciais J. P., logo toda a gente da casa se lembrou de que o mesmo pertencia a John Petersen, um honesto carpinteiro naval norueguês que trabalhara, aquele ano, nos estaleiros ingleses, tendo regressado à terra e deixado no sótão a sua caixa das ferramentas. Rebuscaram-se as águas-furtadas. Encontraram-se todos os utensílios, menos o tal maço. Após nova busca, fez-se ainda outra descoberta. O médico que autopsiara os Williamsons fora de opinião que as gargantas não tinham sido cortadas com uma navalha, mas com um instrumento de talhe diferente. Os companheiros de quarto lembraram-se então de que Williams tinha, recentemente, pedido emprestada uma faca francesa, de grande lâmina e feitio muito característico, e acabaram por a descobrir, ainda tinta de sangue, numa das algibeiras de um colete pertencente a Williams, mas abandonado no meio de um monte de tábuas e farrapos. Todos se lembraram, logo a seguir; de que os sapatos que Williams costumava calçar rangiam muito e de que possuía um sobretudo com forro de seda. Eram indícios suficientes. Williams foi logo preso e interrogado. Passou-se isto na sexta-feira, voltando a ser ouvido na manhã de sábado, catorze dias depois da morte dos Marrs. Havia muita coisa a incriminá-lo, mas recusou-se a confessar. Organizado o processo, achou-se nele matéria bastante para julgamento. Não será necessário dizer que, a caminho da cadeia, foi perseguido por uma multidão tão furiosa que, em circunstâncias normais, só com muita dificuldade conseguiria escapar à vingança popular. Mas levava uma grande escolta, pelo que chegou à cadeia são e salvo. O regulamento daquela prisão deter-

minava que os presos por homicídio deviam recolher às celas às cinco da tarde, ficando sem luz durante toda a noite. Durante catorze horas, isto é, até às sete da manhã seguinte, não podiam receber visitas, ficando mergulhados em completa escuridão. Tempo suficiente para Williams se suicidar, muito embora fossem escassos os meios para isso. Havia na cela uma barra de ferro que servia, se bem me recordo, para prender um candeeiro; foi nela que se enforcou, utilizando os suspensórios. Não se sabe a que horas, mas não faltou quem dissesse ter sido à meia-noite. Nesse caso, foi precisamente à mesma hora em que, catorze dias antes, havia semeado o horror e a desolação no pacífico lar dos Marrs. Chegara a sua vez de beber a taça da amargura, levada aos lábios pelas execráveis mãos que tanto horror haviam espalhado.

Foi sepultado no centro de um «quadrivium», isto é, na confluência de quatro caminhos (neste caso quatro ruas), com uma estaca espetada no coração. E sobre ele corre hoje o tumulto da turbulenta cidade de Londres.

LIVRO B

PUBLICADOS:

1. O ARRANCA CORAÇÕES/BORIS VIAN
2. O ELEFANTE/MROZECK
3. DO ASSASSÍNIO COMO UMA DAS BELAS-ARTES/THOMAS DE QUINCEY
4. A CASA DOS MIL ANDARES/JAN WEISS
5. FÁBULAS FANTÁSTICAS/AMBROSE BIERCE
6. MANUSCRITO ENCONTRADO EM SARAGOÇA/YAN POTOCKI
7. ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO/LEWIS CARROL
8. CONTOS CRUÉIS/VILLIERS DE L'ISLE-ADAM
9. A EMBRUXADA/BARBEY D'AUREVILLY
10. OS PARAÍSOS ARTIFICIAIS/CHARLES BAUDELAIRE
11. AVENTURAS DE ARTHUR GORDON PYM/EDGAR ALLAN POE
12. FRANKENSTEIN/MARY SHELLEY
13. SMARRA,OU OS DEMÓNIOS DA NOITE/CHARLES NODIER
14. O JARDIM DOS SUPLÍCIOS/OCTAVE MIRBEAU
15. AS FILHAS DO FOGO/GÉRARD DE NERVAL
16. O FANTASMA DOS CANTERVILLE/OSCAR WILDE
17. OS DEMÓNIOS DE RANDOLPH CARTER/H. P. LOVECRAFT
18. O CAPITÃO CAP/ALPHONSE ALLAIS
19. O ELIXIR DA LONGA VIDA/H. DE BALZAC
20. AVATAR/GAUTHIER
21. HISTÓRIAS DE VAMPIROS
22. AFORISMOS/LICHTENBERG
23. CONTOS FANTÁSTICOS/ERNST HOFFMANN
24. DICIONÁRIO DAS IDEIAS FEITAS/G. FLAUBERT
25. O OUTRO MUNDO OU OS ESTADOS E IMPÉRIOS DA LUA/ /CYRANO DE BERGERAC
26. O COCHEIRO DA MORTE/SELMA LAGERLOF
27. O REI DA MÁSCARA DE OURO/MARCEL SCHWOB
28. O CAVALEIRO DAS TREVAS/PAUL FÉVAL
29. SHE/H. RIDER HAGGARD
30. O HORLA E OUTROS CONTOS FANTÁSTICOS/GUY DE MAUPASSANT
31. O LOBISOMEM/ALEXANDRE DUMAS
32. O ALTAR DOS MORTOS/HENRY JAMES
33. O CASTELO DE OTRANTO/HORACE WALPOLE
34. VATHEK/WILLIAM BECKFORD
35. O ITALIANO/ANN RADCLIFFE
36. CONTOS DA CHUVA E DA LUA/UEDA AKINARI
37. PLANO DE EVASÃO/ADOLFO BIOY CASARES
38. CRÓNICAS ITALIANAS/STENDHAL
39. O LIVRO DE AREIA/JORGE LUIS BORGES
40. A LENTE DE DIAMANTE/FITZ JAMES O'BRIEN
41. VISÃO DE CARLOS XI E OUTROS CONTOS/PROSPER MÉRIMÉE
42. HISTÓRIAS MÁGICAS/REMY DE GOURMONT
43. HISTÓRIAS DESAGRADÁVEIS/LÉON BLOY
44. A ESTALAGEM DO DRAGÃO VOADOR/JOSEPH SHERIDAN LE FANU
45. O POETA ASSASSINADO/GUILLAUME APOLLINAIRE
46. CONTOS DOS HOMENS SEM SOMBRA/CHAMISSO, HOFFMANN, GOGOL, ANDERSEN
47. FAUSTO/GOETHE, NERVAL
48. O CASTELO DO HOMEM ANCORADO/J. K. HUYSMANS
49. PRECEITOS PARA USO DO PESSOAL DOMÉSTICO/JONATHAN SWIFT
50. OS CISNES SELVAGENS E OUTROS CONTOS/HANS CHRISTIAN ANDERSEN
51. O FAROL DE AMOR/RACHILDE
52. RISO VERMELHO/LEONID ANDREIEV
53. BIBLIOTECA DO SÉCULO XXI/STANISLAW LEM
54. A NOITE DE WALPURGIS/GUSTAV MEYRINK
55. A DAMA DE BRANCO/NATHANIEL HAWTHORNE